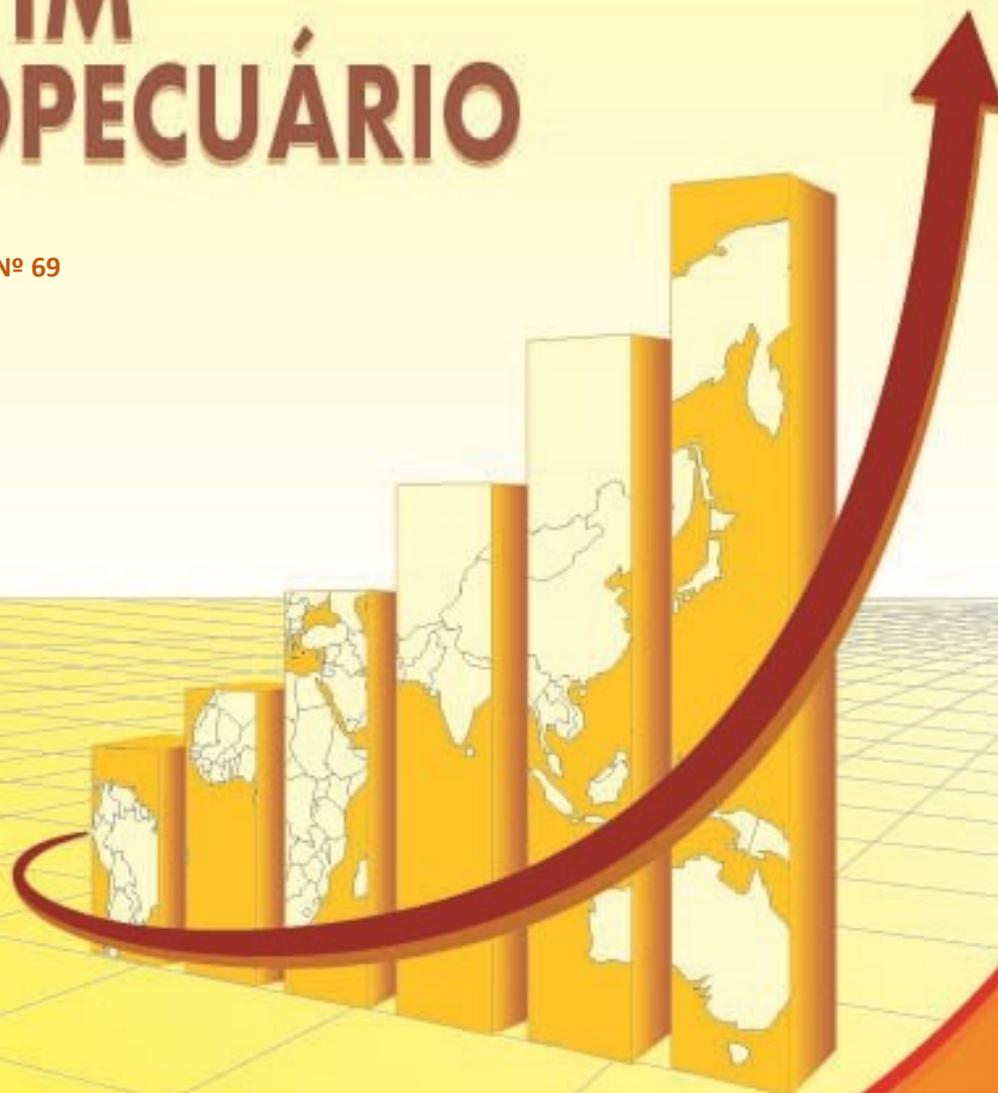


# BOLETIM AGROPECUÁRIO

Fevereiro/2019 – Nº 69





**Governador do Estado**

Carlos Moisés da Silva

**Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca**

Ricardo de Gouvêa

**Presidente da Epagri**

Edilene Steinwandter

**Diretores**

Ivan Luiz Zilli Bacic

Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira

Administração e Finanças

Vagner Miranda Portes

Ciência, Tecnologia e Inovação

Humberto Bicca Neto

Extensão Rural e Pecuária

**Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)**

Reney Dorow



# Boletim Agropecuário

## **Autores desta edição**

Alexandre Luís Giehl

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Rogério Goulart Júnior

Tabajara Marcondes



Empresa de Pesquisa Agropecuária  
e Extensão Rural de Santa Catarina

Florianópolis

2019

**Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: [www.epagri.sc.gov.br](http://www.epagri.sc.gov.br)

E-mail: [epagri@epagri.sc.gov.br](mailto:epagri@epagri.sc.gov.br)

**Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: [online@epagri.sc.gov.br](mailto:online@epagri.sc.gov.br)

**Coordenação**

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

**Elaboração**

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa

Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araújo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Júnior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

**Colaboração:**

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Janice Maria Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa

Márcia Mondardo – Epagri/Cepa

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

**Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)**

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

## APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

**Edilene Steinwandter**  
Presidente da Epagri

## Sumário

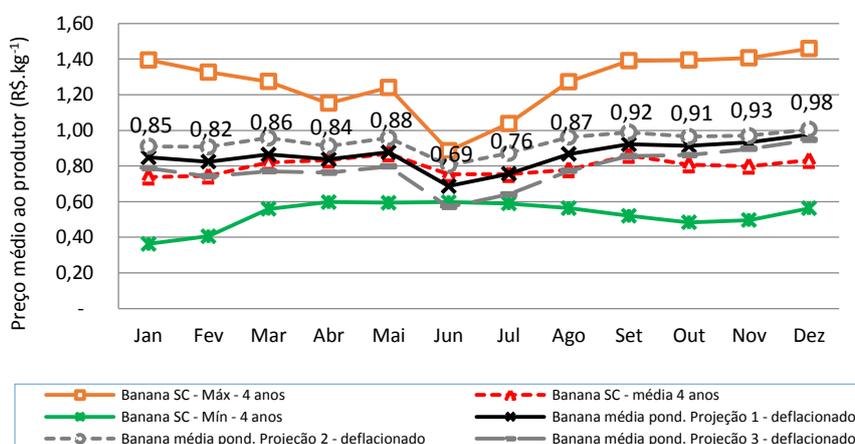
<b>Fruticultura</b> .....	7
Banana .....	7
Maçã .....	11
<b>Grãos</b> .....	15
Feijão .....	15
Milho.....	18
Soja .....	22
<b>Hortaliças</b> .....	24
Alho.....	24
Cebola.....	27
<b>Pecuária</b> .....	30
Avicultura.....	30
Bovinocultura .....	36
Suinocultura.....	40
Leite .....	46

## Fruticultura

### Banana

Rogério Goulart Junior  
Economista, Dr. - Epagri/Cepa  
[rogeriojunior@epagri.sc.gov.br](mailto:rogeriojunior@epagri.sc.gov.br)

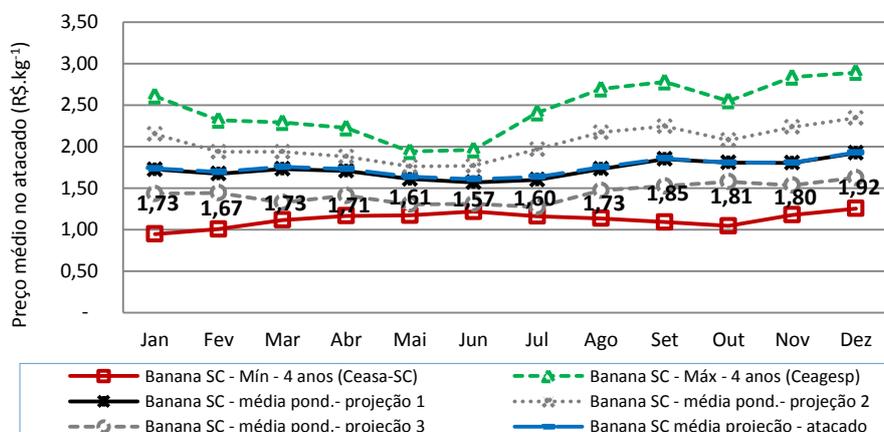
No quadriênio 2015-2018, a produção catarinense da bananicultura manteve tendência de aumento,. Mas, no segundo semestre de 2016, efeitos de geadas em regiões produtoras afetaram a produção, com redução da qualidade da fruta e diminuição do volume produzido. Em 2017, as temperaturas acima da média para o outono/inverno determinaram o aumento na quantidade anual produzida. Mas, intempéries climáticas, como ventos fortes e déficit hídrico localizados, comprometeram a qualidade das frutas, afetando o preço da fruta, com redução nas cotações.



Nota: preço deflacionado pelo IGP-DI (dez/18=100)

Fonte: Epagri/Cepa e Ceasa/SC.

#### Banana - Evolução e projeção do preço médio ao produtor (2015-2018)



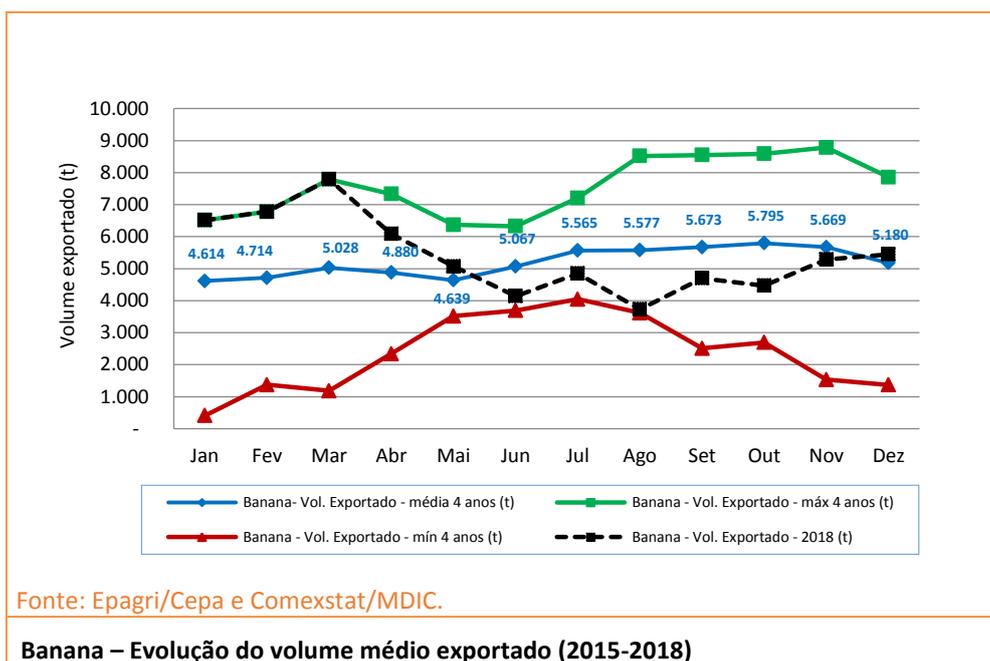
Nota: preço deflacionado pelo IGP-DI (dez/18=100).

Fonte: Epagri/Cepa, Ceasa/SC e Ceagesp.

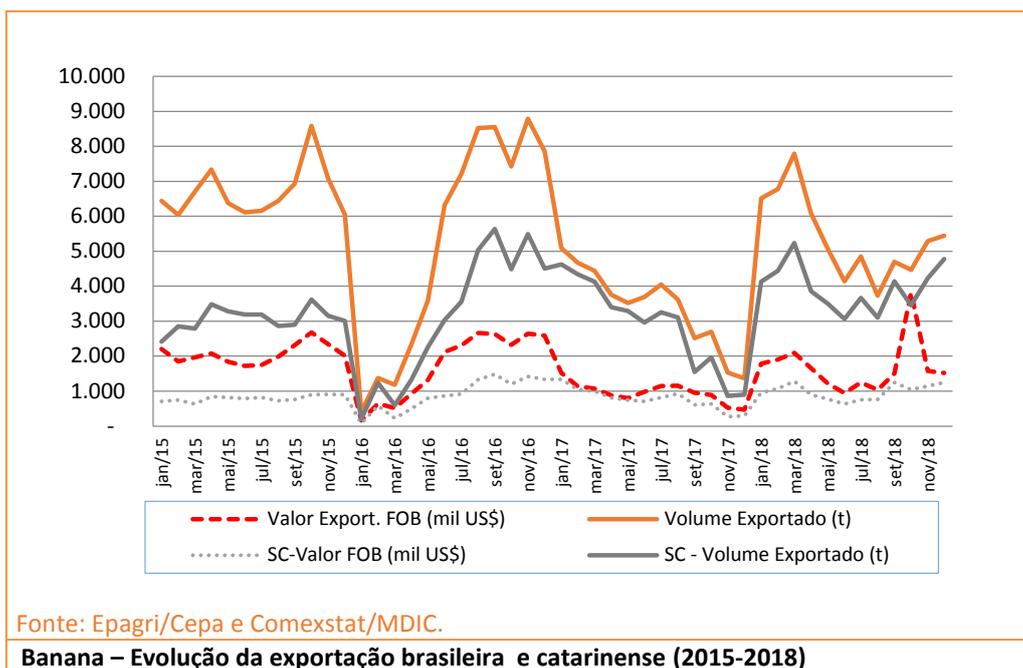
#### Banana – Evolução e projeção do preço médio no atacado (2015-2018)

Entre 2015 e 2018, os os melhores preços ao produtor foram em maio, pela diminuição da oferta da fruta, e entre setembro e dezembro, devido ao aumento sazonal na demanda. Em um ano padrão, é estimado um comportamento nos preços com média de cerca de R\$0,86 o quilo (projeção 1).

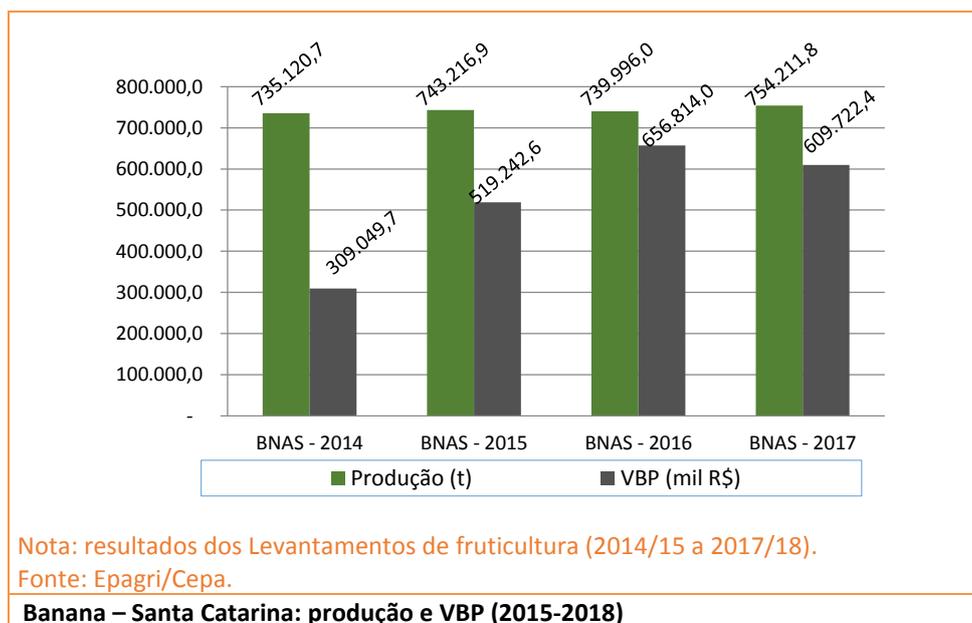
No atacado, conforme a média dos preços deflacionados para os quatro anos e os limites máximos e mínimo obtidos no período, são estimados para 2019 preços médios entre R\$1,57 e R\$ 1,92 o quilo, considerando um ano padrão (projeção 1). A expectativa é que com a ocorrência do *El Niño* aconteça aumento das temperaturas e precipitações, que podem afetar a qualidade e aumentar a oferta de banana, com redução nos preços, tendendo aos valores da projeção 3. Mas, a baixa oferta nacional pode tender a valorização da fruta catarinense em outras regiões, com possibilidade de valores estimados na projeção 2.



Entre 2015 e 2018, houve redução de 7% no volume comercializado e de 6% no valor negociado. Já entre 2017 e 2018, o volume exportado aumentou 58%, totalizando 64,8 mil toneladas e com valor negociado de US\$ 20,3 milhões, com valorização que determinou aumento anual de 76%.

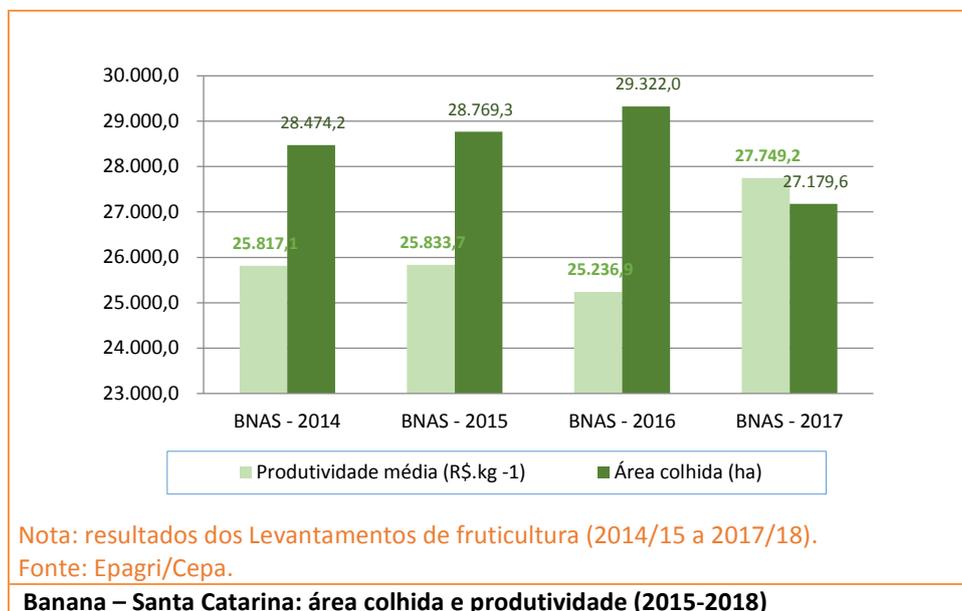


Em 2015 e 2016, Santa Catarina participou com 46% e 59% do volume exportado, com mais de 36,5 mil toneladas e mais de US\$ 9,5 milhões de valor negociado. Em 2017, houve redução na participação de outros estados no total exportado. Com isso, o estado catarinense ampliou a participação para 84% das exportações, mas com decréscimo no volume em 3 mil toneladas. O ano de 2018 foi marcado pelo maior volume exportado no período analisado, com aumento de 9% no volume e 7% nos valores exportados catarinenses, crescimento de 38% na quantidade exportada entre 2017 e 2018 de 47,6 mil toneladas, devido aos preços mais competitivos para escoar a oferta interna aos países do Mercosul.



Entre 2015 e 2017, a produção ampliou 3%, com aumento de 97% no valor bruto da produção (VBP). A área colhida reduziu 5%, mas ocorreu aumento de 7% na produtividade média (27.749 kg/ha). O maior aumento

no valor bruto da produção foi de 68%, entre 2017 e 2018, devido à redução da oferta nacional de banana com a diminuição da área e produção nos principais estados do Norte e Nordeste do país, aumentando a demanda pelas frutas do Sul e Sudeste. Em 2014, a banana caturra representou 87% da produção e a banana prata 13%, com VBP gerado de 70% e 30%, respectivamente. Em 2016, com uma produção menor, a participação da banana-caturra na quantidade produzida reduziu para 83%.



Em 2017, com a superprodução devido ao inverno menos rigoroso, a banana-caturra representou 85% do total produzido no ano, ou seja, mais de 644 mil toneladas. No quadriênio, a produtividade média da banana caturra oscilou de 28.800 kg/ha a 31.200kg/ha, enquanto a produtividade da banana prata aumentou de 12.900 kg/ha para 16.800 kg/ha. Em Santa Catarina, os três municípios com maior produção de banana caturra são: Corupá (25%), Luiz Alves (17%) e Massaranduba (9%). Já os de bananaprata são: Jacinto Machado (27%), Santa Rosa do Sul (12%) e Corupá (8%).

**Banana: Santa Catarina – Comparativo de 2017 em relação às estimativas de 2018 e 2019**

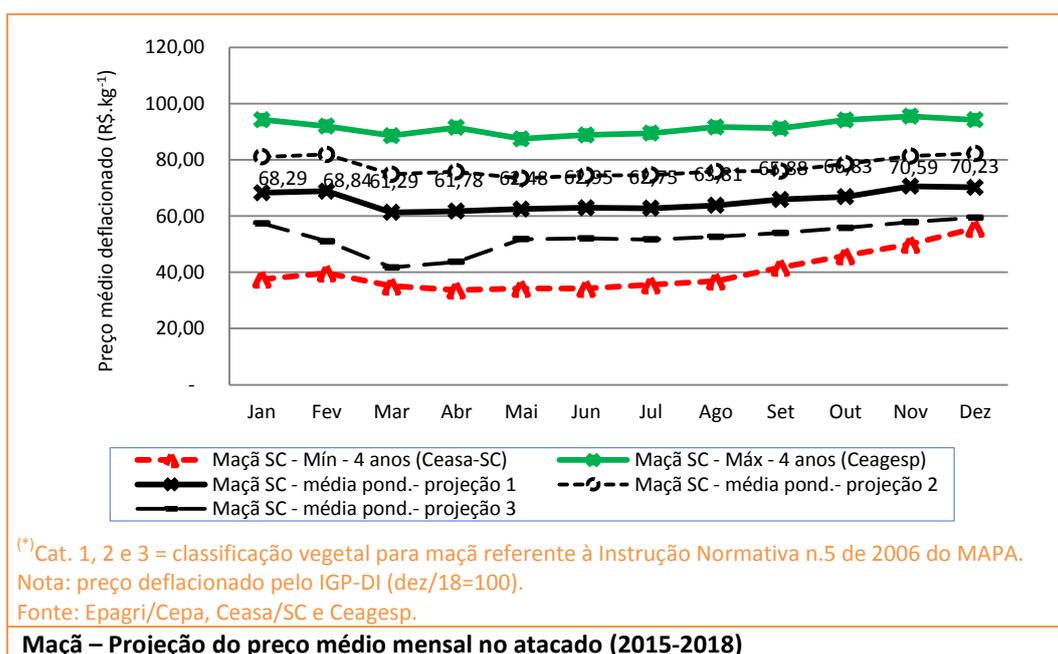
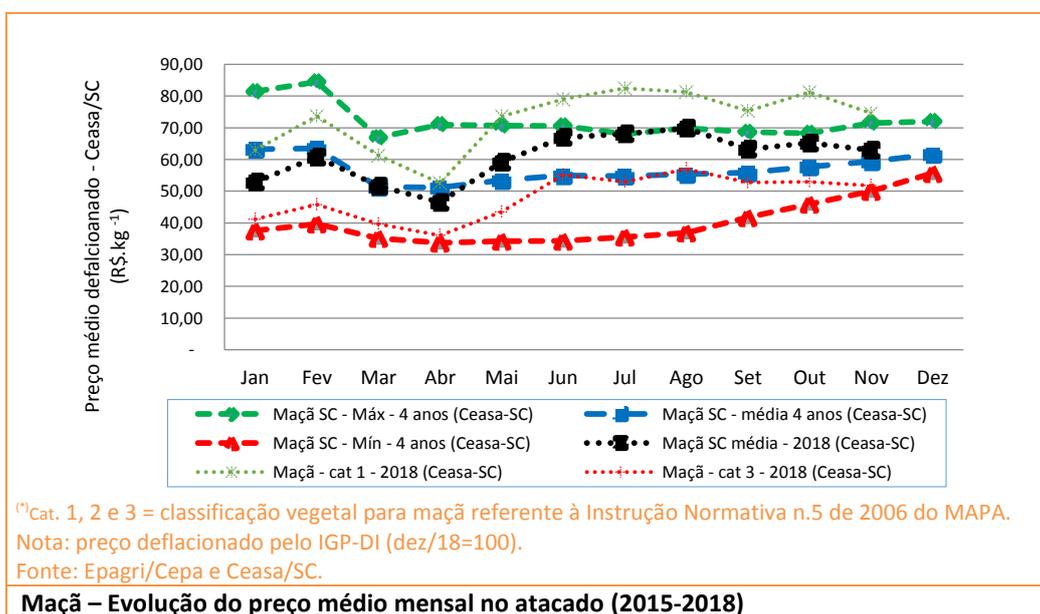
Principal MRG com cultivo de Banana	2017			Estimativa 2018			Variação 2018/2017 (%)			
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área colhida	Quant. prod.	Rend. médio	
Blumenau	4.254	151.752	35.673	4.176	132.050	31.621	- 0,02	- 0,13	- 0,11	
Itajaí	3.875	122.783	31.686	3.882	115.312	29.704	0,00	- 0,06	- 0,06	
Joinville	12.714	353.378	27.794	12.044	364.005	30.223	- 0,05	0,03	0,09	
Araranguá	5.084	50.396	9.913	5.426	65.510	12.073	0,07	0,30	0,22	
Criciúma	1.339	21.232	15.857	1.346	21.734	16.147	0,01	0,02	0,02	
Outras	1.109	22.863	20.616	1.568	19.186	12.236	0,41	- 0,16	- 0,41	
<b>Total</b>	<b>28.375</b>	<b>722.404</b>	<b>25.459</b>	<b>28.442</b>	<b>717.797</b>	<b>25.237</b>	<b>0,00</b>	<b>- 0,01</b>	<b>- 0,01</b>	

Fonte: Epagri/Cepa.

## Maçã

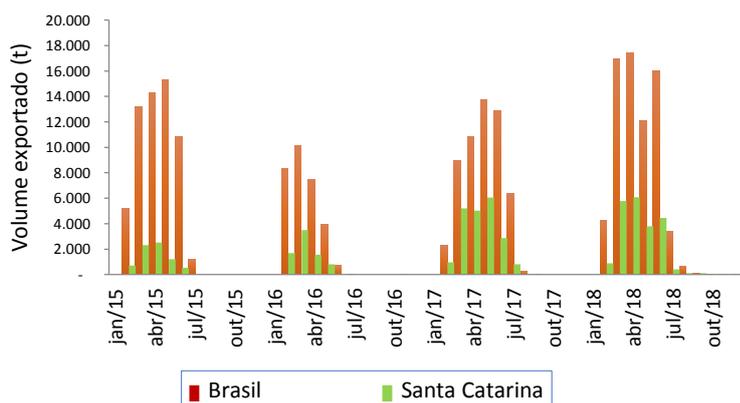
Rogério Goulart Junior  
Economista, Dr. - Epagri/Cepa  
[rogeriojunior@epagri.sc.gov.br](mailto:rogeriojunior@epagri.sc.gov.br)

Entre 2015 e 2018, a produção catarinense de maçãs apresentou oscilações decorrentes da alternância de eventos climáticos, com implicações negativas no desenvolvimento das macieiras, afetando as plantas nos estágios de floração e frutificação e, também, efeitos positivos, pelo emprego de tecnologias de proteção e reconversão para melhoria nos pomares. Os resultados foram safras com volumes de produção conforme as expectativas em 2014/15 e 2017/18, mas com quebra na produção em 2015/16 e supersafra em 2016/17. Além do volume, a qualidade das frutas também determinou preços elevados em 2015/16 e 2016/17 e preços menores em 2014/15 e 2017/18.



No quadriênio 2015-2018, os meses com os melhores preços no atacado foram janeiro e fevereiro, com a comercialização da produção recém colhida, e de outubro a dezembro, com frutas de melhor qualidade, estocadas em câmaras de atmosfera controlada (AC), no período da entressafra. Na Ceasa-SC, as frutas Cat 1 obtiveram melhores cotações entre maio e agosto, com 37% acima do preço médio negociado. Já entre fevereiro e abril, as cotações estavam 28% menores que a média do período.

Conforme a média dos preços deflacionados para os quatro anos e os limites máximos e mínimo obtidos no período, são estimados para a safra 2018/19 preços médios entre R\$ 61,30 e R\$ 70,50, considerando um ano padrão (projeção 1). Para condições de alta oferta, as cotações estimadas seguem a projeção 3 e com baixa oferta da fruta no mercado os preços seguem a projeção 2. Nos pomares, a expectativa dos produtores é de uma safra com volume produzido seguindo a média histórica e uma melhor qualidade das frutas, com calibres maiores e coloração adequada ao mercado, que garantem maior percentual de maçãs cat.1 e cat.2, comparado com o das últimas safras. Com isso, pode haver valorização nas cotações médias projetadas, devido ao ganho de qualidade dos frutos em relação aos outros anos. Por outro lado, a apreciação da moeda norte-americana em relação à brasileira pode determinar aumento do preço dos insumos e redução da margem de negociação entre produtores e classificadores, com pressão para aumento nos preços e redução da demanda relativa pela fruta em 2019.

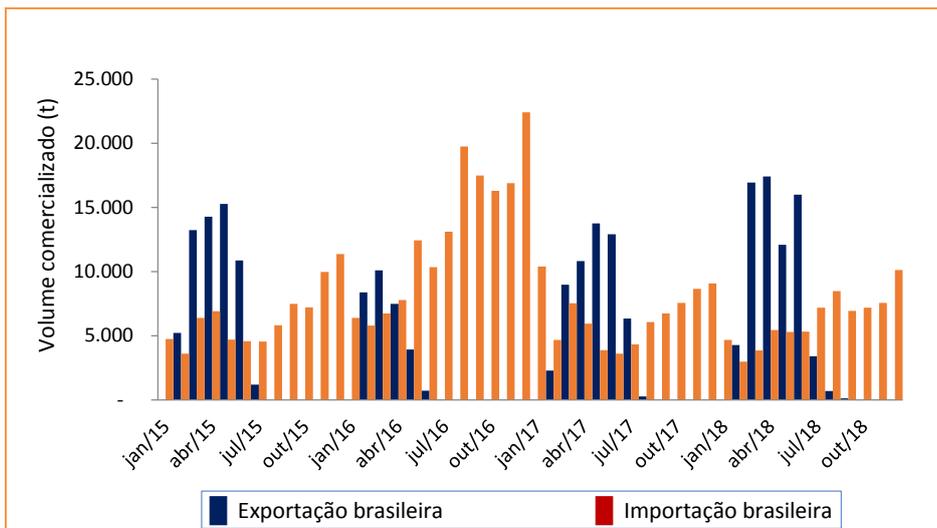


Nota: Maçã (cat.1) graúda embalada em caixa de 19kg.

Fonte: Epagri/Cepa e Comexstat/MDIC.

#### Maçã – Evolução da exportação nacional e estadual (2015-2018)

Em 2018, o valor exportado foi de US\$ 52,4 milhões e o volume chegou a mais de 70 mil toneladas, com recuperação em relação aos anos de 2016 e 2017 e acréscimo de 18% sobre a quantidade comercializada em 2015. A maçã catarinense representou 30% do volume e do valor exportado, com 21,6 mil toneladas, gerando US\$ 14,9 milhões no último ano analisado. Em 2015, Santa Catarina participou com 12% do volume exportado, com apenas 7,3 mil toneladas; no ano seguinte, a participação foi de 25%, com 7,5 mil toneladas, mesmo com menor produção na safra 2015/16. A partir de 2017, o estado catarinense ampliou sua participação para mais de 30% do total exportado, com 20,9 mil toneladas, chegando a 21,6 mil toneladas em 2018.

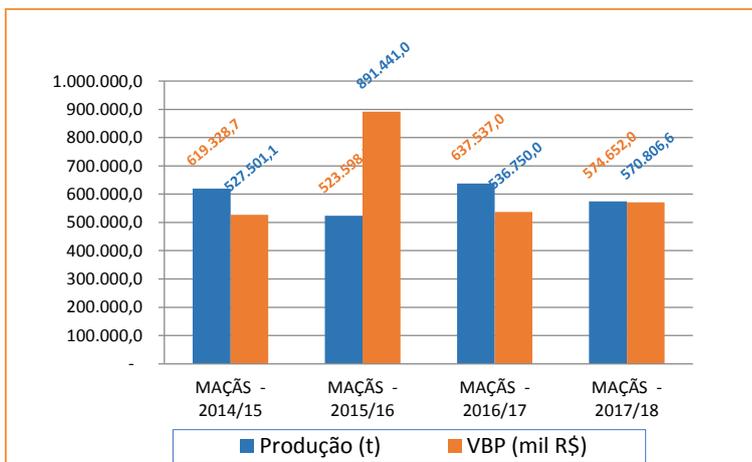


Nota: Maçã (cat.1) graúda embalada em caixa de 19kg.

Fonte: Epagri/Cepa e Comexstat/MDIC.

**Maçã – Evolução exportação e importação brasileira (2015-2018)**

Na balança comercial de maçãs frescas, o saldo negativo de 2018 foi o menor do quadriênio, uma diferença de 4,1 mil toneladas, com quantidade exportada de 70,9 mil toneladas e déficit de US\$ 17,2 milhões. Em 2016, com a redução na produção, problemas na qualidade das frutas, preços altos da maçã nacional e oferta mundial elevada, o saldo negativo chegou a 124,8 mil toneladas, representando 50,7% do volume exportado, déficit comercial da fruta de US\$ 121,7 milhões. Em 2017, o aumento da produção na safra 2016/17 garantiu a recuperação das exportações para 55,4 mil toneladas e redução no saldo negativo da balança comercial da fruta para 23,0 mil toneladas, com déficit de US\$ 33,4 milhões.

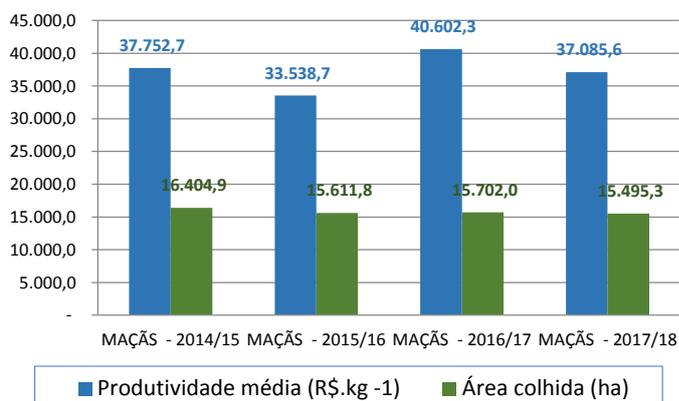


Nota: resultados dos Levantamentos de fruticultura (2014/15 a 2017/18).

Fonte: Epagri/Cepa.

**Maçã – Santa Catarina: evolução de produção e VBP (2015-2018)**

Entre 2015 e 2018, a produção reduziu 7%, mas com aumento de 8% no valor bruto da produção (VBP). A área colhida reduziu 6%, com diminuição de 2% na produtividade média (37.087 kg/ha). A maior redução da área colhida foi de 10% entre 2017 e 2018, devido a reconversão de pomares e erradicação de áreas com mais de 10 anos de produção. Em 2014/15, a maçã Gala representou 51% da produção, a maçã Fuji 46% e as maçãs precoces 3%, sendo que o VBP gerado foi de 52%, 45% e 3%, respectivamente. A partir de 2016, a participação da maçã Fuji no total produzido aumentou para 51% em 2015/16 e 52% em 2016/17. Em 2017/18, a maçã Gala volta a representar mais de 50% da produção total.



Nota: resultados dos Levantamentos de fruticultura (2014/15 a 2017/18).

Fonte: Epagri/Cepa.

#### Maçã – Santa Catarina: evolução da área colhida e produtividade (2015-2018)

Na safra 2018/19, a colheita das maçãs precoces iniciaram, com atraso, nas últimas semanas de dezembro de 2018 e foram finalizadas em fevereiro de 2019 nas principais regiões produtoras de Joaçaba e Curitibaanos, com expectativa de redução na produção com relação à safra passada. Na microrregião de Joaçaba, a colheita da maçã Gala, iniciada nas últimas semanas de janeiro, está em andamento, com atraso devido a baixa umidade e temperaturas abaixo da média no período noturno ocorridas no mês de dezembro, durante a frutificação. A expectativa é que mais de 50% da produção seja de frutas graúdas, recuperando a qualidade e os preços em relação às duas últimas safras. Na microrregião de São Joaquim, a colheita da maçã Gala iniciou nesta semana (11 a 15 de fev. de 2019), com expectativa de melhor qualidade da fruta, com maior percentual de frutas graúdas no volume de produção esperado.

Em 2015/16 e 2016/17, a produtividade média da maçã Fuji foi maior que a da Gala, com 35.347kg/ha e 43.434kg/ha; enquanto a da maçã Gala foi de 32.318kg/ha e 38.481kg/ha no período. Em 2018, a produtividade da maçã Gala aumentou para 41.208kg/ha e a da maçã Fuji reduziu para 33.709kg/ha.

A maleicultura catarinense conta com 2.585 produtores, com produtividade média de 40,6 mil quilos por hectare e R\$ 536,7 milhões de valor bruto da produção (Epagri/Cepa, 2018). O estado participa com 51% da produção brasileira e 49% da área em produção da cultura no país (LSPA/IBGE, 2018).

#### Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2016/17 e a estimativa de 2017/18

Principais MRG com cultivo de maçã	2016/17			Estimativa 2017/18			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg ha <sup>-1</sup> )	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg ha <sup>-1</sup> )	Área Colhida (%)	Produção (%)	Produtividade média (%)
Joaçaba	2.816	110.292	39.166	2.445	92.279	37.742	-13,17%	-16,33%	-3,64%
Curitibaanos	966	35.748	37.006	960	35.525	37.005	-0,62%	-0,62%	0,00%
Campos de Lages	11.782	488.008	41.420	11.961	443.300	37.062	1,52%	-9,16%	-10,52%
Outras	139	3.489	25.097	130	3.548	27.292	-6,47%	1,71%	8,75%
<b>Total</b>	<b>15.703</b>	<b>637.537</b>	<b>40.600</b>	<b>15.496</b>	<b>574.652</b>	<b>37.084</b>	<b>-1,32%</b>	<b>-9,86%</b>	<b>-8,66%</b>

Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro de 2019.

## Grãos

### Feijão

João Rogério Alves  
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epaagri/Cepa  
[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)

Os preços do feijão carioca e preto primeira safra dispararam nos últimos meses. O mercado varejista renovou seus estoques e, para isso, foi às compras. Em Santa Catarina, o preço médio da saca de 60kg de feijão carioca pago ao produtor, na praça de referência de Joaçaba, passou de R\$ 131,25 para R\$ 188,64 em janeiro, variação positiva de cerca de 44%. O mesmo ocorreu nos principais estados produtores: no Paraná, alta de cerca de 68%; em São Paulo, alta de 34%, e em Minas Gerais, aumento de 35%. Na comparação entre janeiro de 2018 e janeiro de 2019, na maioria dos estados acompanhados a variação dos preços nominais superou 100%. Em janeiro de 2019, os produtores catarinenses receberam em média R\$ 90,00/sc 60kg, contra R\$ 188,64/sc 60kg em janeiro de 2019. Na primeira semana de fevereiro, os preços seguiram em elevação. Na praça de referência Joaçaba, a média do preço mais comum pago aos produtores pela saca de feijão carioca foi de R\$248,60/sc 60kg.

Para o feijão preto primeira safra, que em Santa Catarina responde por cerca de 49% da área plantada na safra 2018/19, o incremento dos preços no mês de janeiro também surpreendeu. Puxado pelos preços do feijão carioca, o feijão preto teve um incremento no preço da ordem de 8%. Em janeiro de 2019, os produtores receberam em média R\$ 134,09/sc de 60kg na região de Joaçaba. Em relação há um ano, o incremento dos preços, em termos nominais, chega a 11,7%.

**Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor - safra 2018/19 (R\$/60kg)**

Estado	Tipo	Jan./19	Dez./18	variação (%)	Jan./18	Variação anual jan./19 – jan./18 (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	188,64	131,25	43,73	90,00	109,60
Paraná		206,96	123,52	67,55	90,46	128,79
São Paulo		213,20	159,12	33,99	114,48	86,23
Minas Gerais		188,63	140,13	34,61	90,49	108,45
Goiás		131,29	110,26	19,07	93,05	41,10
Santa Catarina	Feijão-preto	134,09	124,00	8,14	120,00	11,74
Paraná		160,83	123,84	29,87	105,92	51,84
Rio Grande do Sul		142,40	137,16	3,82	129,29	10,14

Nota: Santa Catarina, feijão preto e feijão carioca, praça de referência: Joaçaba/SC – Janeiro de 2019.

Fonte: Epaagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP).

No mercado atacadista, a Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP) registrou preços bastante favoráveis aos cerealistas nesse início de ano. No dia 06/02/19, a saca de 60kg do feijão carioca nota 9,0 foi comercializado a R\$ 400,00, enquanto no dia 08/01/19 estava a R \$230,00, variação positiva de cerca de 74% em 29 dias. Ainda na BCSP, no mesmo período, a cotação da saca de 60kg do feijão preto extra era de R\$ 174,00 em janeiro, contra R\$271,50 em fevereiro, alta de aproximadamente 56%.

<b>Feijão – São Paulo: preço médio diário do feijão no mercado atacadista</b>				
<b>Produto<sup>(1)</sup></b>	<b>06/02/2019</b>	<b>08/01/2019</b>	<b>Variação (%)</b>	<b>Mercado<sup>(2)</sup></b>
Feijão Carioca Extra (9,0)	400,00	230,00	73,91	nominal
Feijão Carioca Especial (8,5)	380,00	217,50	74,71	estável
Feijão Carioca Comercial (8,0)	355,00	202,50	75,31	estável
Feijão Preto Extra	272,50	175,00	55,71	nominal
Feijão Preto Especial	n/cotado	155,00		n/cotado

<sup>(1)</sup> feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.

<sup>(2)</sup> comportamento do mercado: 06/02/2019.

Nota 1: nominal: preço sem variação por falta ou excesso do produto.

Nota 2: estável: acentuado movimento de mercado, mas com equilíbrio entre oferta e demanda.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

Um dos fatores para essa alta nas cotações do feijão pode ser atribuído à redução da área plantada e da produção da safra brasileira de feijões. Os baixos preços praticados na safra passada desestimularam muitos produtores a investir na cultura. Segundo estimativa da Conab do mês de fevereiro, a área colhida nessa safra de feijão primeira safra deverá ser de aproximadamente 941 mil hectares, contra os 1.024 mil hectares colhidos na safra passada, representando cerca de 113 mil hectares a menos, ou seja, uma redução de 11%. Na produção, a redução é ainda maior. Problemas com estiagem no plantio e excesso de chuvas na colheita comprometeram boa parte da produção brasileira da leguminosa. A expectativa é que serão colhidos cerca de 1.024 mil toneladas nesta safra, contra as 1.282 mil toneladas colhidos na safra passada, redução de cerca de 20%, significando aproximadamente 258 mil toneladas a menos de feijão disponíveis para comercialização.

Segundo dados da Conab, 57,3% do feijão produzido no país é de feijão cores, grupo do qual faz parte o feijão carioca, 27,1% são de feijão preto comum e 15,6% é de feijão caupi. As principais regiões produtoras de feijão do país são Sul e Sudeste, que são responsáveis por 72% da produção brasileira de feijões. Estas regiões produzem, em sua maioria, os tipos preto e cores (carioca). A diminuição da área e da produção nessas regiões tem impactado positivamente as cotações do feijão, sobretudo do feijão carioca e preto. A tendência é que o mercado continuará aquecido até a entrada do feijão segunda safra, o que em Santa Catarina deverá acontecer a partir do mês de maio. A expectativa é que os bons preços praticados atualmente estimulem os produtores a aumentar a área plantada com feijão segunda safra, que até o momento está estimada em cerca de 22,6 mil hectares.

<b>Feijão 1ª safra – Brasil: comparativo das safras 2017/18 e 2018/19</b>									
<b>Região/BR</b>	<b>Safra 2017/2018</b>			<b>Estimativa Atual Safra 2018/2019</b>			<b>Variação (%)</b>		
	<b>Área (mil ha)</b>	<b>Produção (mil t)</b>	<b>Rend. médio (kg/ha)</b>	<b>Área (mil ha)</b>	<b>Produção (mil t)</b>	<b>Rend. médio (kg/ha)</b>	<b>Área</b>	<b>Quant. prod.</b>	<b>Rend. médio</b>
Norte	6	4	627	4	3	674	-27	-22	8
Nordeste	430	187	435	432	165	382	1	-12	-12
Centro Oeste	82	191	2.338	60	122	2.023	-26	-36	-13
Sudeste	244	406	1.664	202	320	1.588	-17	-21	-5
Sul	293	495	1.690	243	414	1.706	-17	-16	1
Brasil	1.054	1.282	1.216	941	1.024	1.088	-11	-20	-11

Fonte: Conab, 2019.

As estimativas de área plantada, produção e rendimento para o feijão primeira safra no estado foram atualizadas em janeiro. Até o momento, foram colhidos cerca de 19 mil hectares, ou seja, 52% dos 37,0 mil hectares plantados no território catarinense. Nas microrregiões de Joaçaba, Curitibanos e Campos de Lages, regiões mais frias, onde o plantio do feijão primeira safra ocorre mais tarde, as condições edafoclimáticas e fitossanitárias das lavouras são consideradas boas. Nessas microrregiões, cerca de 60% das lavouras estão em desenvolvimento vegetativo e 40% em floração.

**Feijão 1ª safra – Santa Catarina: comparativo das safras 2017/18 e 2018/19**

Microrregião	Safra 2017/2018			Estimativa Atual Safra 2018/2019			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	98	96	979	74	73	984	-24	-24	1
Blumenau	164	164	1.053	97	114	1.170	-41	-31	11
Campos de Lages	9.380	19.207	2.048	8.115	15.856	1.954	-13	-17	-5
Canoinhas	6.000	10.734	1.789	5.700	8.982	1.576	-5	-16	-12
Chapecó	2.732	5.509	2.017	2.640	5.357	2.029	-3	-3	1
Concórdia	624	1.099	1.760	429	798	1.860	-31	-27	6
Criciúma	543	630	1.161	533	627	1.176	-2	-1	1
Curitibanos	9.095	19.967	2.195	5.380	11.514	2.140	-41	-42	-2
Florianópolis	132	181	1.371	31	40	1.274	-77	-78	-7
Itajaí	7	8	1.143						
Ituporanga	1.107	2.212	1.998	980	1.747	1.783	-11	-21	-11
Joaçaba	3.783	7.085	1.873	2.417	4.034	1.669	-36	-43	-11
Joinville	14	10	714	22	22	1.000	57	120	40
Rio do Sul	698	1.262	1.646	602	967	1.605	-14	-23	-2
São Bento do Sul	500	798	1.595	680	904	1.329	36	13	-17
São M. do Oeste	1.482	2.754	1.746	959	1.893	1.974	-35	-31	13
Tabuleiro	485	544	1.122	463	737	1.591	-5	35	42
Tijucas	184	213	1.158	170	321	1.888	-8	51	63
Tubarão	1.033	1.340	1.297	973	1.307	1.343	-6	-2	4
Xanxerê	9.402	16.613	1.767	6.633	14.922	2.250	-29	-10	27
<b>Santa Catarina</b>	<b>47.463</b>	<b>90.425</b>	<b>1.903</b>	<b>36.898</b>	<b>70.212</b>	<b>1.903</b>	<b>-22</b>	<b>-22</b>	<b>0</b>

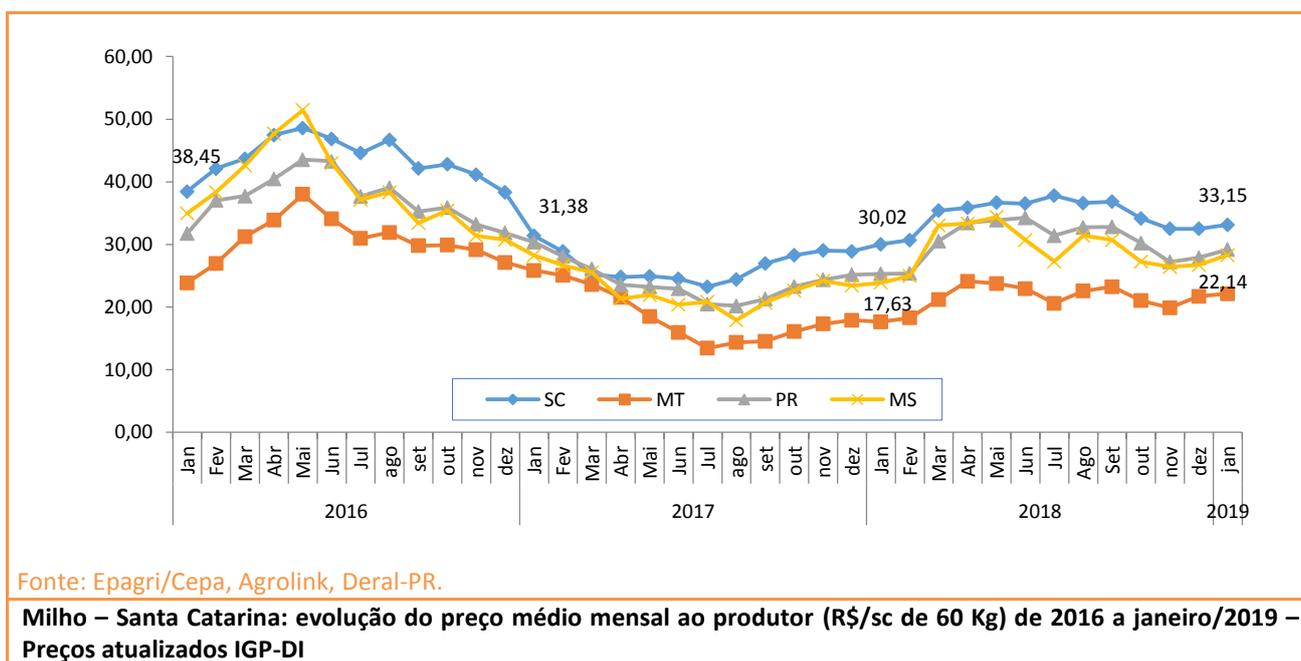
Fonte: Epagri/Cepa (Janeiro/2019).

## Milho

Haroldo Tavares Elias  
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

Após três meses de retração dos preços pagos ao produtor, em janeiro ocorreu uma leve alta de 2% em Santa Catarina (R\$ 33,15/sc) e de 4% na média dos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná. Até 14 de fevereiro, os preços se mantiveram neste patamar. O início da colheita no Sul do Brasil está se apresentando com volumes dentro do esperado. No Paraná, a projeção é de colheita de 3,3 milhões de toneladas, conforme o DERAL-PR. O Rio Grande do Sul deve colher em torno de 5,6 milhões de toneladas (CONAB, 2018). Em Santa Catarina, a produção deverá ser próxima de 2,8 milhões de toneladas (Epagri/Cepa). Apesar de fatores climáticos adversos, com estiagem no início de dezembro e temperaturas elevadas no período, há boas perspectivas da oferta de milho da primeira safra (Sul do Brasil) frente à safra passada. Mesmo assim, os preços se mantêm fortalecidos, comportamento semelhante ao mesmo período da safra anterior. A produção da primeira safra atende preferencialmente o mercado regional.

O ritmo das exportações reagiu em dezembro e janeiro, totalizando mais de 8 milhões de toneladas nos dois meses (MDIC, COMEX STAT, 2019), o que reflete diretamente nos estoques e oferta do produto, fatores que influenciaram os preços internos. A segunda safra concentra o maior volume da produção de nacional milho (70%). O comportamento climático nas regiões produtoras durante a implantação das lavouras irá orientar o comportamento dos preços nos próximos meses.



Fonte: Epagri/Cepa, Agrolink, Deral-PR.

**Milho – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal ao produtor (R\$/sc de 60 Kg) de 2016 a janeiro/2019 – Preços atualizados IGP-DI**

### Panorama estadual – Safra 2018/19

#### Primeira safra

A estimativa de janeiro de 2018 para a safra em curso confirma a recuperação da área cultivada de milho 1ª safra em 8,4% em relação à safra 2017/18. Com isso, há a expectativa que o estado cultive 331.739 hectares de milho grão na primeira safra, frente aos 305.983 hectares da safra anterior. Este ganho de área, conforme relatado nos boletins anteriores, se dá em função dos preços fortalecidos do cereal durante 2018. Isto é mais evidente na região de Curitiba/Campos Novos, que apresentou um expressivo

aumento na área cultivada de milho, em torno 40% em relação à safra anterior. Também há uma expectativa de recuperação quanto ao rendimento médio (kg/ha), atualizado na estimativa de janeiro de 2019 para 8.292kg/ha, contra 7.969kg/ha do ano anterior. A produção esperada do estado é de 2,75 milhões de toneladas.

### **Segunda safra**

Com a segunda safra estimada em 16.000 hectares de cultivo e produção em torno de 100.000 toneladas, Santa Catarina deverá ter uma produção total superior a 2,85 milhões de toneladas na safra atual.

### **Acompanhamento safra 2018/19**

**São Miguel do Oeste e Vale do Uruguai:** A colheita nestas regiões avança para a conclusão. Nos municípios de Palmitos, Caibi e outros da região registram-se rendimentos de 7.600 a 8.200kg/ha, produtividade entre 10 a 15% inferior à safra passada;

**Concórdia:** até 15 de fevereiro, colheita concluída em 25-30% da área plantada, com produtividades de 7.500kg a 8.000kg/ha.

**Chapecó:** no início de fevereiro a colheita alcançava em torno de 25%; com produtividades entre 7.200 e 9.300kg/ha, mas algumas áreas alcançando acima de 10 toneladas.

**Xanxerê:** a colheita está no início, mas de forma intensa, aproveitando o períodos sem chuvas. Segundo informações preliminares, milhos hiper precoce foram um pouco afetados pela estiagem de dezembro, apresentando produtividades médias variando de 9.500kg a 10.500kg/ha, enquanto nos milhos precoces e de ciclo normal a produtividade média é de 11.000kg/ha a 12.500kg/ha. Algumas poucas áreas apresentam extremos de produtividade para cima e para baixo.

**Curitibanos e Campos Novos:** lavouras em bom estado de desenvolvimento, com previsão de safra cheia e expectativa de rendimento acima de 10.000kg/ha.

**Região Norte: Canoinhas, Mafra, Porto União:** estiagem nos primeiros quinze dias de dezembro afetou lavouras em floração. Com isso, há previsão de redução no rendimento entre 3 - 5%.

**Alto Vale:** início de colheita, com registro de produtividades entre 6.500 e 8.400kg/ha.

**Estado:** Após um período de estiagem no início de dezembro, o retorno das chuvas na segunda quinzena daquele mês, de modo geral, ocasionou uma recuperação das lavouras, com perdas localizadas em algumas microrregiões. Além da estiagem, as temperaturas elevadas desde o final de dezembro e janeiro podem impactar na produção. Contudo, na maioria das regiões o rendimento está sendo considerado normal, inclusive superior ao registrado na safra anterior em 2,8%. Os fatores climáticos citados não permitiram a expressão de todo potencial da tecnologia aplicada, como cultivares (genética), insumos, bem como manejo utilizado, que poderiam proporcionar produtividades maiores.

Milho total – Santa Catarina: safra 2018/19, estimativa janeiro de 2019									
Microrregião	Safra 2017/18			Estimativa atual (jan. 2019)			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	7.734	52.686	6.812	7.734	52.329	6.766	0,0	-0,7	-0,7
Blumenau	1.899	7.374	3.883	1.872	8.322	4.446	-1,4	12,9	14,5
Campos de Lages	33.080	248.812	7.522	32.860	252.394	7.681	-0,7	1,4	2,1
Canoinhas	28.800	277.180	9.624	29.300	272.929	9.315	1,7	-1,5	-3,2
Chapecó	45.523	376.571	8.272	46.121	394.836	8.561	1,3	4,9	3,5
Concórdia	22.659	164.939	7.279	24.400	173.021	7.091	7,7	4,9	-2,6
Criciúma	6.670	45.805	6.867	6.674	46.089	6.906	0,1	0,6	0,6
Curitibanos	17.360	157.872	9.094	24.335	248.393	10.207	40,2	57,3	12,2
Florianópolis	359	1.730	4.819	93	453	4.866	-74,1	-73,8	1,0
Ituporanga	9.072	62.442	6.883	11.730	80.730	6.882	29,3	29,3	0,0
Joaçaba	49.130	407.583	8.296	57.425	505.076	8.796	16,9	23,9	6,0
Joinville	390	1.544	3.959	335	1.340	4.000	-14,1	-13,2	1,0
Rio do Sul	18.525	125.648	6.783	20.165	129.854	6.440	8,9	3,3	-5,1
São Bento do Sul	4.400	35.616	8.095	4.500	36.320	8.071	2,3	2,0	-0,3
São M. do Oeste	32.685	260.872	7.981	31.190	251.661	8.069	-4,6	-3,5	1,1
Tabuleiro	2.725	15.737	5.775	2.975	17.145	5.763	9,2	8,9	-0,2
Tijucas	480	1.774	3.696	1.735	9.661	5.568	261,5	444,6	50,7
Tubarão	5.185	31.868	6.146	5.065	31.697	6.258	-2,3	-0,5	1,8
Xanxerê	19.280	192.708	9.995	23.230	238.438	10.264	20,5	23,7	2,7
<b>Santa Catarina</b>	<b>305.983</b>	<b>2.468.879</b>	<b>8.069</b>	<b>331.739</b>	<b>2.750.687</b>	<b>8.292</b>	<b>8,4</b>	<b>11,4</b>	<b>2,8</b>

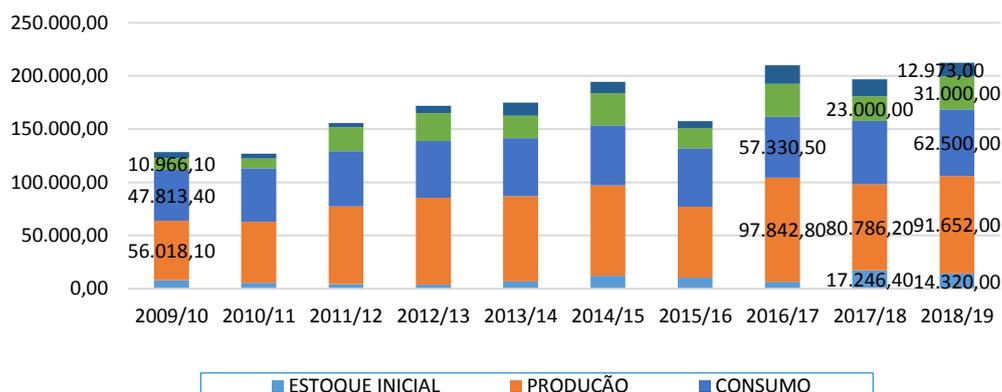
Fonte: Sistema de Acompanhamento de safra. Epagri/Cepa.

### Climatologia (o que se espera para época do ano)

Em fevereiro, as frentes frias passam rapidamente pelo litoral catarinense, continuando frequentes as chuvas de verão, localizadas e de curta duração, com média mensal de 150mm a 190mm do Oeste ao Planalto. No Litoral e Vale do Itajaí, os valores mensais de chuva esperados ficam próximos dos 200mm. Em março, diminuem as chuvas de verão. Principalmente a partir da segunda quinzena as frentes frias chegam com mais frequência ao Sul do Brasil, sendo responsáveis pela maior parte da chuva em Santa Catarina. Em março e abril, a chuva diminui e a média mensal fica em torno de 110mm a 170mm, no Estado.

### Balanco de oferta e demanda de milho – Brasil

O balanço entre oferta e demanda de milho no Brasil pode ser visualizado no gráfico abaixo, que apresenta uma comparação da safra de 2009/2010 a 2017/18, mostrando que a produção nacional aumentou 44,2%, o consumo 25% e as exportações mais que duplicaram no período, levando o Brasil a integrar um dos maiores exportadores do cereal no mundo. A estimativa de produção da safra nacional 2018/19 é de 91,6 milhões de toneladas, apesar de ainda não se ter uma estimativa da área plantada do milho segunda safra (CONAB, fev. 2019). Com a antecipação da colheita de soja no Centro Oeste, o plantio de milho está ocorrendo em período mais adequado do que na safra anterior, com melhores expectativas de rendimento para a segunda safra. As exportações em 2018 totalizaram 23,5 milhões de toneladas, 30% inferior ao ano anterior. Quanto ao estoque inicial, na safra 2018/19 seresta em de 14,5 milhões de toneladas, influenciando no suprimento total da safra. Diante dessa perspectiva de suprimento e início da colheita da primeira safra, que sinaliza para a colheita de 26 milhões de toneladas, acredita-se que a safra 2018/19 terá uma disponibilidade de milho relativamente confortável para abastecimento interno. O nível de exportações no começo do ano pode alterar este quadro, conforme já reportado neste boletim, bem como o comportamento climático para segunda safra que se inicia, a qual representa aproximadamente 70% do milho produzido no Brasil.



Fonte: CONAB, Fevereiro/2019.

**Milho – Brasil: balanço de oferta e demanda - 2009/10 a 2018/19**
**Balanço de oferta e demanda de milho - Santa Catarina**

Para realizar a estimativa da demanda e oferta de milho em Santa Catarina, as bases das informações são a safra 2017/18 e a demanda para a produção animal em 2018. A produção de milho/grão foi de 2,57 milhões de toneladas, que reflete diretamente na oferta. A demanda total estimada foi de 6,45 milhões de toneladas. Deste total, cerca de 97% destina-se ao consumo animal, principalmente para produção de suínos e frangos de corte (83,8%). Desta forma, no ano o déficit foi de 3,6 milhões de toneladas. Este déficit de milho no estado é coberto pelas importações interestaduais, com origem principalmente do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraná e Goiás, além das importações de países como Argentina e Paraguai.

Milho – Balanço de oferta e demanda em Santa Catarina – 2018					
Ano	Produto			Milho (x 1.000)	
2018	Oferta	Produção	1ª safra (2016/17)	2.468,87	
			2ª safra (2016/17)	103,18	
			Total (2016/17)	<b>2.572,05</b>	
		Importações		278,74	
	<b>Total</b>			<b>2.850,79</b>	
	Demanda	Consumo	Animal <i>in natura</i>	Suínos	2.857
				Frangos de corte	2.562
				Galinhas poedeiras	142
				Perus	169
				Bovinos	500
				Humano <i>in natura</i>	30,31
		Reservas para sementes		1,62	
		Perdas		52,44	
Exportações		139,94			
<b>Total</b>			<b>6.455</b>		
<b>Saldo</b>				<b>-3.603,90</b>	

Epagri/Cepa.

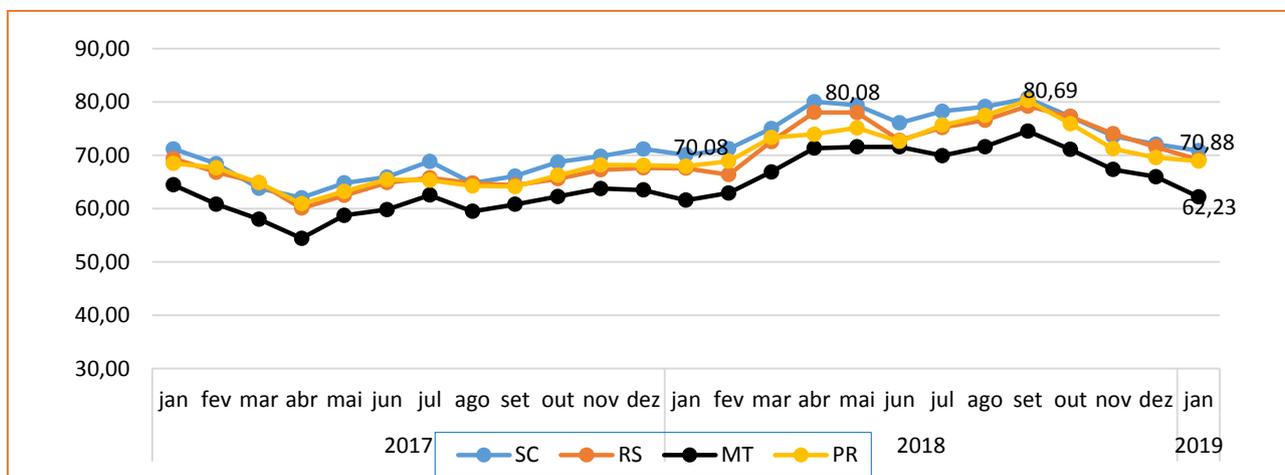
**Safra nacional:**

**Milho primeira safra:** redução de 1,2% na área cultivada e produção prevista de 26,4 milhões de toneladas. Acrescentando a segunda safra, a produção total poderá atingir 91,6 milhões de toneladas, 13,6% superior à obtida em 2017/18 (Conab, janeiro de 2019).

## Soja

Haroldo Tavares Elias  
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

Em janeiro, os preços pagos ao produtor continuaram recuando. Relativo à dezembro, apresentaram 1,68% de retração. Já em relação a janeiro de 2018, mantiveram o mesmo patamar de preços. No entanto, registraram uma variação de -13,8% frente a setembro de 2018, sendo o quarto mês consecutivo de queda nos preços. No Paraná e Mato Grosso, o comportamento foi semelhante, com patamar de preços significativamente inferior No Mato Grosso. Os fatores que influenciaram a queda dos preços nos últimos meses foram, principalmente, a relação cambial e a sinalização de acordo entre EUA e China, que pode reacquecer o mercado. Com isso, a China retoma a compra de soja dos Estados Unidos, passando a ter mais opções de compra. Por consequência, os prêmios para a soja brasileira apresentaram uma forte diminuição, o que pressionou internamente os preços nos últimos meses. No entanto, o nível elevado de estoques nos EUA também constitui fator de baixa para os preços no final do ano de 2018. Outro fator preponderante no mercado internacional será o volume de importação pela China. O mercado, que indicava 110 milhões de toneladas de importação pela China (setembro 2018), agora prevê entre 81 e 84 milhões. A peste suína e a retração de mercado são as causas desse recuo. Apesar destes fatores, sem o acerto definitivo entre EUA e China, as compras pela China podem ser redirecionadas para o Brasil, que sinaliza embarques maiores nos portos em fevereiro. As condições climáticas para atual safra no Brasil e Argentina serão determinantes para o mercado em 2019. A estiagem em dezembro, aliada às elevadas temperaturas no Sul do Brasil, já estão afetando o rendimento final das lavouras e podem alterar o cenário dos preços no primeiro trimestre do ano.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT).

**Soja em grão – Preço médio real mensal ao produtor – Paraná, Mato Grosso e Santa Catarina – ago/2016 a dez. 2018 – R\$**

### Safra 2018/19

A cultura da soja em Santa Catarina, na safra 2017/18, alcançou 684 mil hectares cultivados, com produção de 2,45 milhões de toneladas. Na safra 2018/19, a área deverá apresentar um recuo de -3,3%, chegando aos 661 mil hectares, com produção estimada de 2,45 milhões de toneladas. Mesmo com diminuição da área, a produção total deverá se manter, em função da expectativa de um rendimento 2,9% superior à

safrã passada. As regiões de Xanxerê, Canoinhas e Curitibaños, incluindo Campos Novos, constituem os maiores produtores, somando 380 mil hectares, mais de 57% da ária cultivada do estado.

**Soja – Santa Catarina: estimativa jan./18, produçã e rendimento, comparativo entre safras 2017/18 e 2018/19**

Microrregião	Safrã 2017/18			Safrã 2018/19 estimativa jan/2019			Variaçã % – 17/18 a 18/19		
	Ária plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Ária plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Ária plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)
Campos de Lages	62.230	222.758	3,580	61.440	219.233	3,568	-1,3	-1,6	-0,3
Canoinhas	129.800	450.720	3,472	127.800	445.615	3,487	-1,5	-1,1	0,4
Chapecó	92.941	300.866	3,237	86.945	290.296	3,339	-6,5	-3,5	3,1
Concórdia	5.330	19.855	3,725	6.235	22.930	3,678	17,0	15,5	-1,3
Criciúma	-	-	-	1.930	6.667	3,454	-	-	-
Curitibaños	113.008	438.490	3,880	109.630	446.673	4,074	-3,0	1,9	5,0
Ituporanga	8.240	34.140	4,143	7.220	27.652	3,830	-12,4	-19,0	-7,6
Joaçaba	67.664	255.994	3,783	61.150	247.605	4,049	-9,6	-3,3	7,0
Rio do Sul	4.015	15.721	3,916	5.000	18.172	3,634	24,5	15,6	-7,2
Sã Bento do Sul	11.500	37.020	3,219	9.800	32.140	3,280	-14,8	-13,2	1,9
Sã Miguel do Oeste	41.277	137.846	3,340	41.277	137.847	3,340	0,0	0,0	0,0
Xanxerê	148.040	545.578	3,685	143.200	551.545	3,698	-3,3	1,1	0,3
<b>Santa Catarina</b>	<b>684.045</b>	<b>2.458.989</b>	<b>3,595</b>	<b>661.627</b>	<b>2.449.630</b>	<b>3,698</b>	-3,3	-0,4	2,9

Fonte: Epagri/Cepa.

**Panorama regional**

**Estado:** Chuvas contínuas durante o mês de outubro provocaram atraso no cronograma de plantio. A estiagem verificada até 12 de dezembro não repercutiu significativamente no rendimento. Com o retorno das chuvas na segunda quinzena de dezembro, é mantida a expectativa de bons rendimentos. As lavouras estão em bom estado (mais de 80%). Algumas áreas semeadas mais cedo, com cultivares precoces, sentiram a falta de umidade no solo, bem como altas temperaturas na fase de enchimento de grãos. Isto poderá reduzir a expectativa de rendimento em algumas áreas. No entanto, ainda não reportado em números.

**Safra Nacional:**

A projeçã de janeiro/2019 reduz a produçã, atingindo 118,8 milhões de toneladas (Conab, Janeiro de 2019).

Projeçã de fevereiro/2019: Crescimento de 1,9% na ária de plantio e reduçã de 3,3% na produçã, atingindo 115,3 milhões de toneladas. A estiagem de dezembro e as altas temperaturas no Sul do Brasil estão modificando as estimativas de produçã para baixo.

## Hortaliças

### Alho

Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

#### Importação de alho cresce em janeiro

O mercado do alho em 2018 foi de grandes dificuldades. O ano de 2019 inicia apresentando grande oferta internacional do produto. Basicamente, essa situação é provocada pelo excedente de produção obtido pela China na última safra e que ainda repercute no mercado. Há “rumores” que a China deve diminuir sua produção na próxima safra em função dos baixos preços alcançados.

Um pequeno sinal, mas importante, é que as vendas de alho da Argentina para o Brasil tiveram preços maiores, atingindo de US\$ 18,00 a US\$ 20,00 por caixa, favorecendo, em algum grau, a produção brasileira.

No campo político, a cadeia produtiva do alho segue mobilizada em busca de respostas e soluções para a crise que os produtores enfrentam em Santa Catarina. Os esforços visam atacar os problemas mais imediatos, como compromissos bancários, comercialização e, também, a definição de um plano mínimo, de médio prazo, para tornar a produção de alho em solo catarinense minimamente competitiva.

Em Santa Catarina, a colheita já foi concluída. O esforço dos produtores neste momento é no preparo do produto para a comercialização, que normalmente se estende por mais 90 a 120 dias.

Outro aspecto importante na atual conjuntura são as perspectivas para a próxima safra de alho. Ainda é cedo para tirar conclusões, mas, com as dificuldades decorrentes de duas safras consecutivas de baixos retornos aos produtores, técnicos, produtores e cooperativas indicam que deverá haver redução de produtores na atividade e, por consequência, redução na área plantada. Questões que o acompanhamento de campo da Epagri/Cepa deve acompanhar nos próximos meses.

Na Tabela abaixo é apresentado um quadro comparativo das importações de alho pelo Brasil em 2016, 2017, 2018 e janeiro de 2019, segundo os dados do Comexstat/MDIC. Conforme o histórico da referida tabela, chama a atenção o que ocorreu no mês de janeiro do corrente. O ano inicia com um crescimento importante na importação mensal, só perdendo para o mês de dezembro de 2017, quando foram importadas mais de 20 mil toneladas da hortaliça.

Comparativamente, percebe-se que em 2016 a média mensal de entrada de alho no Brasil foi de 14,41 mil toneladas, totalizando no ano 172,97 mil toneladas. Em 2017, o volume importado baixou para 159,20 mil toneladas, com média mensal de 13,26 mil toneladas, redução em cerca de 8%. Em 2018, a média mensal de importação foi de 13,71 mil toneladas. Já em 2019, com a importação de 18,06 mil toneladas, temos um crescimento de 24,06% em relação à média de 2018. Esses volumes registrados nas importações de alho só são menores que o mês de dezembro de 2017, cujo volume foi de 20,12 mil toneladas.

Esta situação afeta diretamente os interesses dos produtores catarinenses, pois há coincidência no crescimento da importação acima da média com o período de comercialização da safra do Estado.

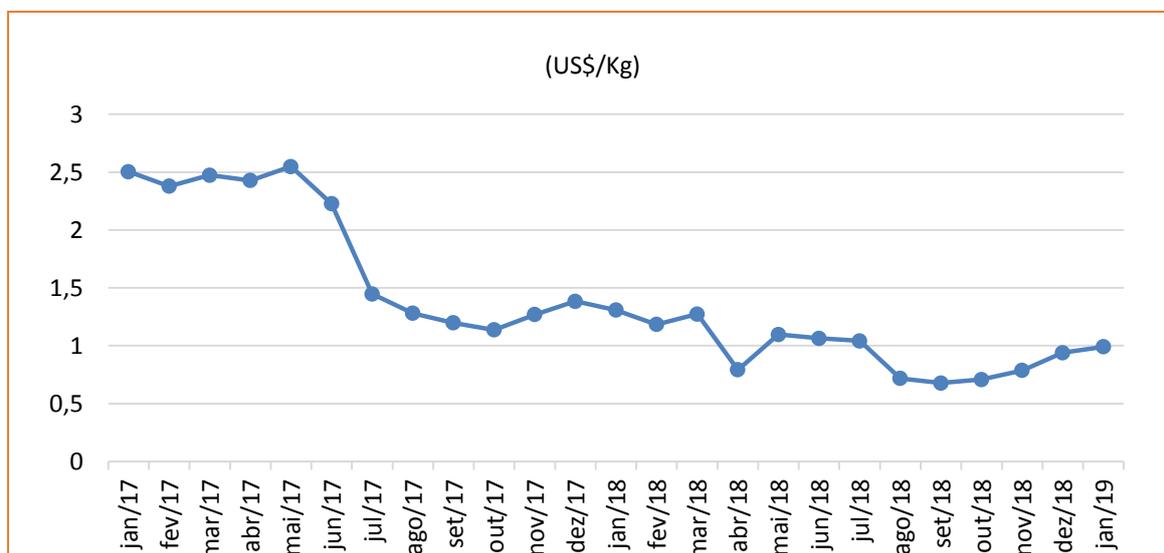
Alho – Brasil: importações de 2016-18 (mil t)													
Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	<b>172,97</b>
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	<b>159,20</b>
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	<b>15,71</b>	<b>164,48</b>
2019	18,06	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	<b>18,06</b>

Fonte: Comexstat/MDIC: fevereiro/2019.

O preço internacional do alho teve significativa redução a partir de julho de 2017, quando o preço médio (FOB) oscilou de mais de US\$ 2,00/kg para menos de US\$ 1,50/kg. O menor preço (FOB) foi atingido em setembro de 2018, quando chegou a US\$ 0,67/kg.

A partir desse período, se iniciou uma recuperação, alcançando, em janeiro de 2019, US\$ 0,99/kg (FOB).

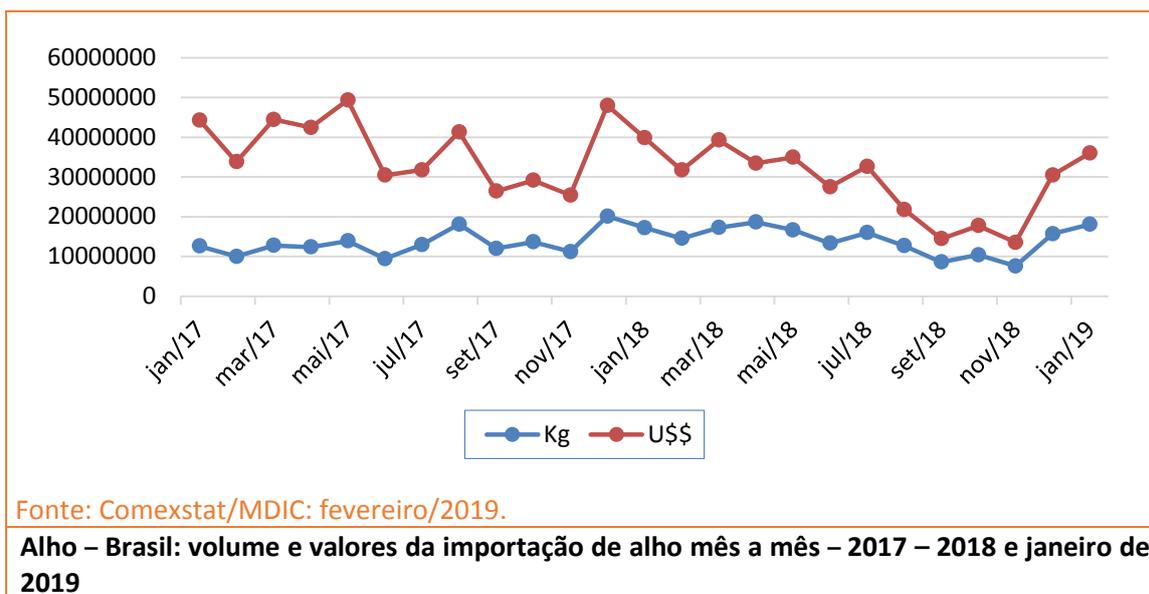
Contudo, o pequeno movimento de recuperação do preço está muito distante do que ocorria até junho de 2017, quando a conjuntura era bastante favorável à produção nacional



Fonte: Comexstat/MDIC: fevereiro/2019.

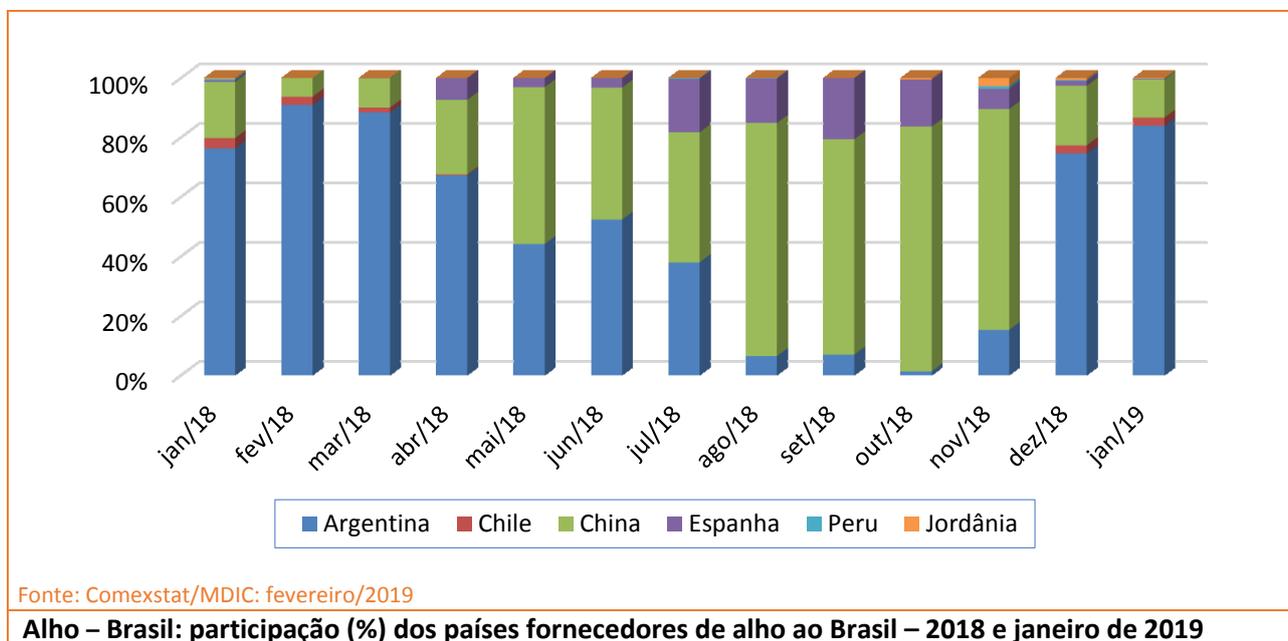
#### Alho – Brasil: evolução do preço do alho (FOB) importado pelo Brasil – 2017 – 2018 e janeiro de 2019

Em relação à importação de alho pelo Brasil, nos anos de 2017 e 2018 e em janeiro de 2019, o volume ficou entre 10 e 20 mil toneladas mensais.



Na figura abaixo apresenta-se a participação dos países fornecedores de alho ao Brasil em 2018 e janeiro de 2019. Historicamente, os dois países mais importantes como fornecedores são a Argentina e a China.

Em janeiro de 2019, o alho internalizado teve origem na Argentina, China, Chile e Jordânia. O volume oriundo da Argentina foi de 15,15 mil toneladas, 83,9% do volume; da China foram importadas 2,09 mil toneladas, ou 11,57%; Jordânia e Chile participaram com 4,54% do total.



Em relação a comercialização da safra catarinense propriamente dita, que ainda se encontra na fase inicial, os preços aos produtores para o alho indústria giram entorno de R\$ 1,00 a R\$ 1,20/kg. Para as demais categorias (classe 4, 5, 6 e 7), para o produto classificado e toaletado, o mercado paga até R\$ 1,50/kg acima da classe. Isto é, para o alho classe 7, o preço atinge até R\$ 8,50/kg e assim por diante.

## Cebola

Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

A comercialização da safra catarinense segue dentro da normalidade, com boa demanda de mercado pela hortaliça, o que continua favorecendo os produtores. No geral, a comercialização da safra já ultrapassou aos 50 % da produção do estado.

A Região Sul continua sendo a principal fornecedora da hortaliça ao país neste período. Porém, nas regiões de São José do Ouro (RS) e Irati (PR) a comercializado já se aproxima de 90% da produção total dessas regiões.

De forma geral, os resultados econômicos da safra continuam agradando os produtores catarinenses, questão que deve refletir nas estratégias de implantação da próxima safra, que deverá se manter com bom nível tecnológico.

Após as safras do Cerrado e centro do país terem sido comercializadas com resultados pouco favoráveis aos produtores, a safra catarinense entrou no mercado no final de novembro e início de dezembro/18. Estoques e oferta relativamente menores, associado à redução das importações pela baixa oferta no mercado internacional, propiciaram uma conjuntura de mercado favorável à produção catarinense.

Dessa forma, a comercialização da safra catarinense e sul brasileira de cebola “navegou” em uma conjuntura que favoreceu a comercialização, em função da reduzida oferta da hortaliça nos principais países tradicionalmente fornecedores do produto ao Brasil, como Holanda e Espanha, dentre outros.

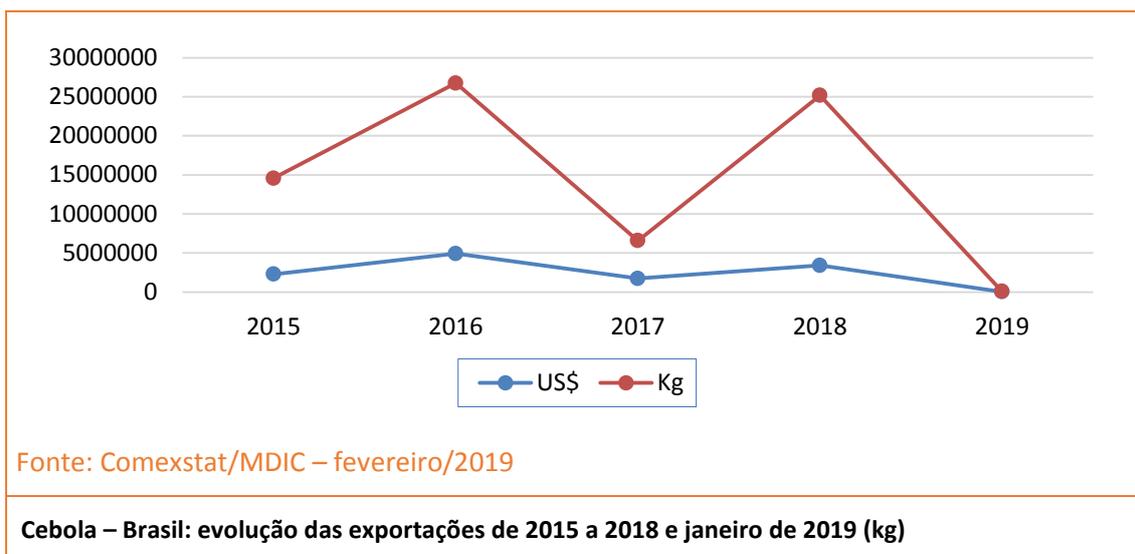
Após os preços manterem-se em patamares de R\$ 1,50 a R\$ 1,70 em alguns períodos de dezembro/18 e janeiro/19, houve redução de preços após esses períodos. Nesta semana, os preços estão próximos a R\$ 1,42/kg, com mercado em ritmo baixo.

Nas últimas semanas, os preços pagos aos produtores nas regiões ceboleiras de Santa Catarina tiveram uma pequena redução, em função da queda da qualidade do produto, tanto o que ainda se encontrava nas lavouras como o que estava nos armazéns, devido à alta umidade presente, seja na região de Ituporanga ou de Lebon Régis.

Contudo, apesar dos bons resultados até o atual andamento da safra, a aproximação da colheita da safra argentina e até uma certa antecipação da colheita da safra do Nordeste ainda para o final do mês de fevereiro, sinalizam para algumas preocupações à cadeia produtiva da hortaliça em Santa Catarina. Isto devido a entrada das citadas produções no mercado ainda quando significativos volumes da safra catarinense estão para ser comercializados.

Embora pequena e pouco significativa no contexto geral da produção brasileira, apresentamos o comportamento das exportações de cebola brasileira (Figura abaixo), pois, em alguns momentos, a exportação exerce o papel de canal de escoamento para determinadas regiões, como alternativa de mercado quando a conjuntura assim o permite, sendo viável.

As exportações brasileiras de cebola em 2018 alcançaram 21,75 mil toneladas, ao valor de US\$ 3,42 milhões, perfazendo uma média de US\$ 0,157/kg. O volume de 2018 foi 0,29% menor que em 2017.



Em janeiro de 2019, as exportações brasileiras de cebola atingiram volume de 36,50 toneladas, ao valor de US\$ 38.308.

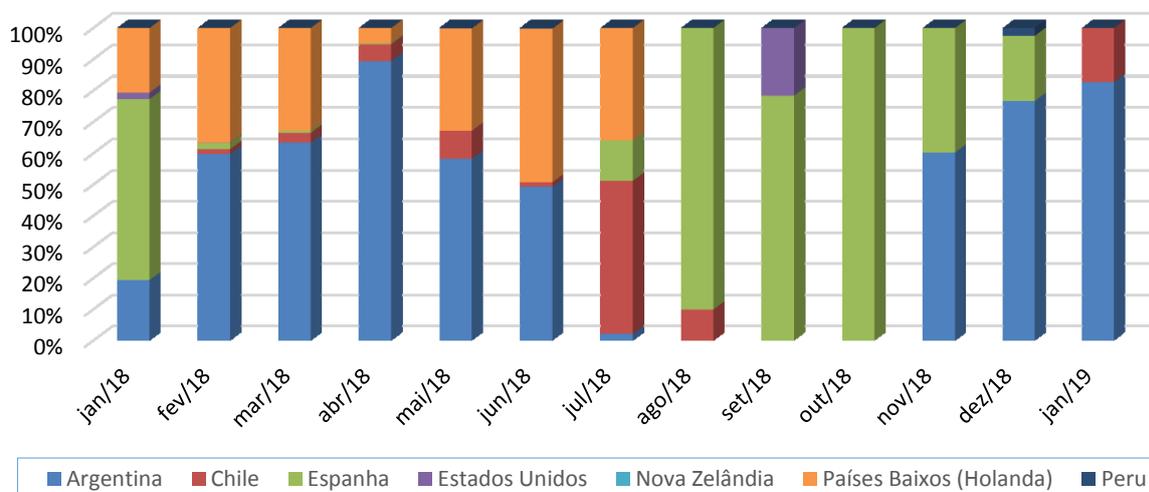
No mercado atacadista da Central de Abastecimento Ceasa/SC, unidade de São José (SC), o preço da cebola caixa 3, no mês de janeiro, permaneceu entre R\$ 1,50/kg e R\$ 2,00/kg, um crescimento de 10,7 a 12,5% comparativamente ao mês de dezembro de 2018.

Na primeira semana de fevereiro de 2019, o preço no atacado permaneceu a R\$ 2,00/kg, portanto sem alteração em relação à última semana de janeiro.

Na Ceagesp, principal central nacional de abastecimento, a cebola nacional média finalizou o mês de janeiro com preço de R\$ 2,48/Kg, redução de 10,47% em relação ao mesmo período de dezembro de 2018.

Na primeira semana de fevereiro, o preço de atacado da cebola média nacional ficou em R\$ 2,60/Kg, oscilação de +2,25% em relação a primeira semana de janeiro.

Quanto à importação, no mês de janeiro/19 o Brasil internalizou apenas 830,81 toneladas, contra 1,13 mil toneladas importadas em dezembro de 2018, redução de 26,87% em relação a dezembro de 2018.

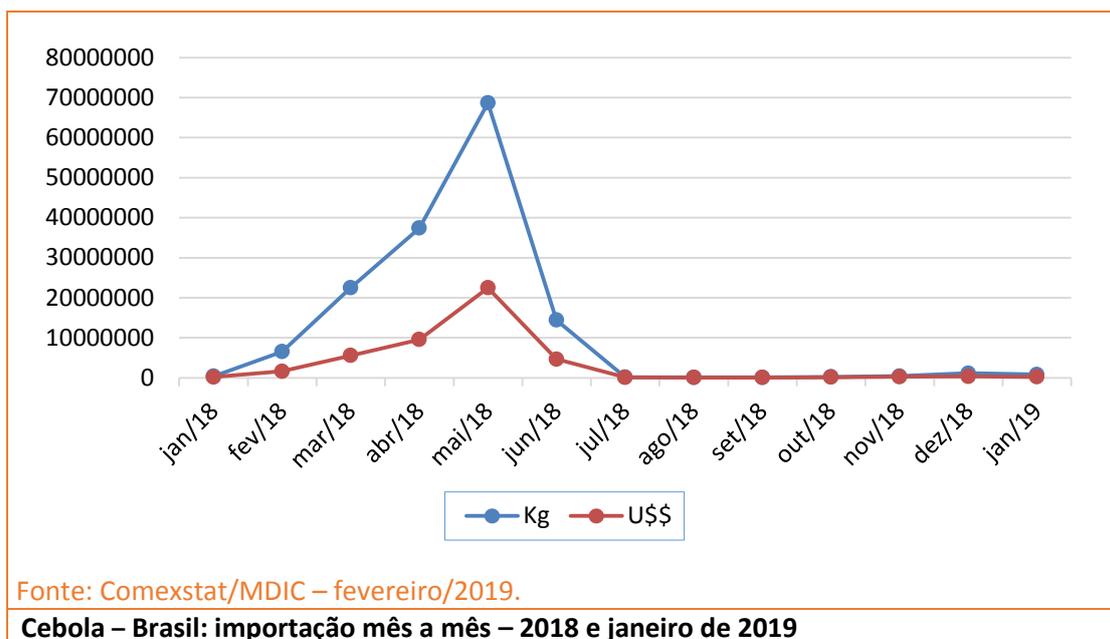


Fonte: Comexstat/MDIC – fevereiro/2019.

**Cebola – Brasil: participação percentual dos países fornecedores – 2018 e 2019**

No mês de janeiro de 2019 os países fornecedores da hortaliça ao Brasil, foram somente o Chile e a Argentina.

No que diz respeito ao comportamento das importações brasileiras de cebola, conforme figura abaixo, observa-se que desde maio e junho do ano passado houve drástica redução nos volumes internalizados. Essa condição tende a ser modificada com a proximidade da comercialização da safra argentina, aumentando a presença de mercadoria daquele país no Brasil.



O preço médio FOB da mercadoria internalizada pelo Brasil em dezembro de 2018 foi de US\$ 0,315/kg de cebola. No mês de janeiro, o preço teve redução para US\$ 0,298/kg.

# Pecuária

## Avicultura

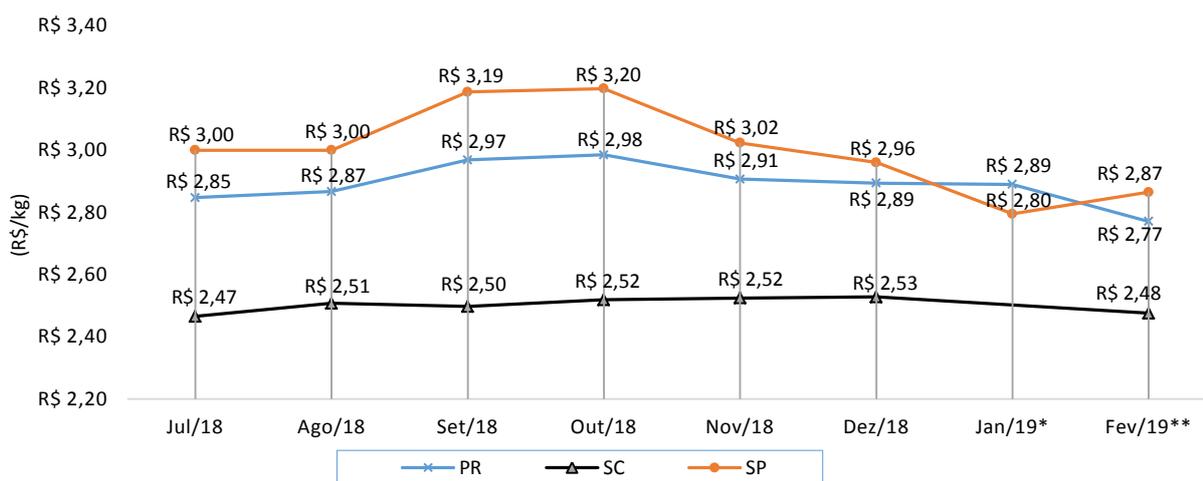
Alexandre Luís Giehl  
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandregiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandregiehl@epagri.sc.gov.br)

No setor avícola, o início do segundo semestre de 2018 foi caracterizado, entre outras coisas, pelo predomínio dos movimentos de alta nos preços do frango vivo na maioria dos estados. Contudo, no último bimestre daquele ano voltaram a ser registradas quedas, que, em alguns casos, se estenderam até o início de 2019. Em janeiro, o preço médio do frango vivo em São Paulo foi 5,57% menor do que o valor registrado em dezembro, enquanto no Paraná a queda foi de 0,58% nesse mesmo período. Em Santa Catarina, não houve levantamento de preços no mês de janeiro.

Os preços preliminares de fevereiro apontam nova queda no Paraná, dessa vez de 4,12% em relação a janeiro. Já em São Paulo, observa-se alta de 2,50% em relação ao mês anterior. Em relação a outubro do ano passado, mês que registrou os maiores preços do frango vivo em 2018, a defasagem é de 7,17% no Paraná e 10,41% em São Paulo.

O preço médio estadual do frango vivo em Santa Catarina apresentou queda de 2,07% em fevereiro, na comparação com os valores praticados em dezembro de 2018. Contudo, é necessário esclarecer que tal variação deve-se, principalmente, à inclusão de novas praças de levantamento de preços, conforme detalharemos adiante. Levando-se em consideração somente as praças anteriores, Chapecó e Sul Catarinense, o preço médio de fevereiro seria de R\$ 2,55/kg, um aumento de 0,98% em relação a dezembro.

Apesar das quedas nos últimos meses, quando se compara os valores atuais com aqueles de fevereiro de 2018, os resultados são positivos em todos os casos: 15,60% em Santa Catarina, 15,15% em São Paulo e 12,38% no Paraná. A inflação acumulada nos últimos 12 meses é de 3,78%, segundo o IPCA/IBGE.



(<sup>1</sup>) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

\* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

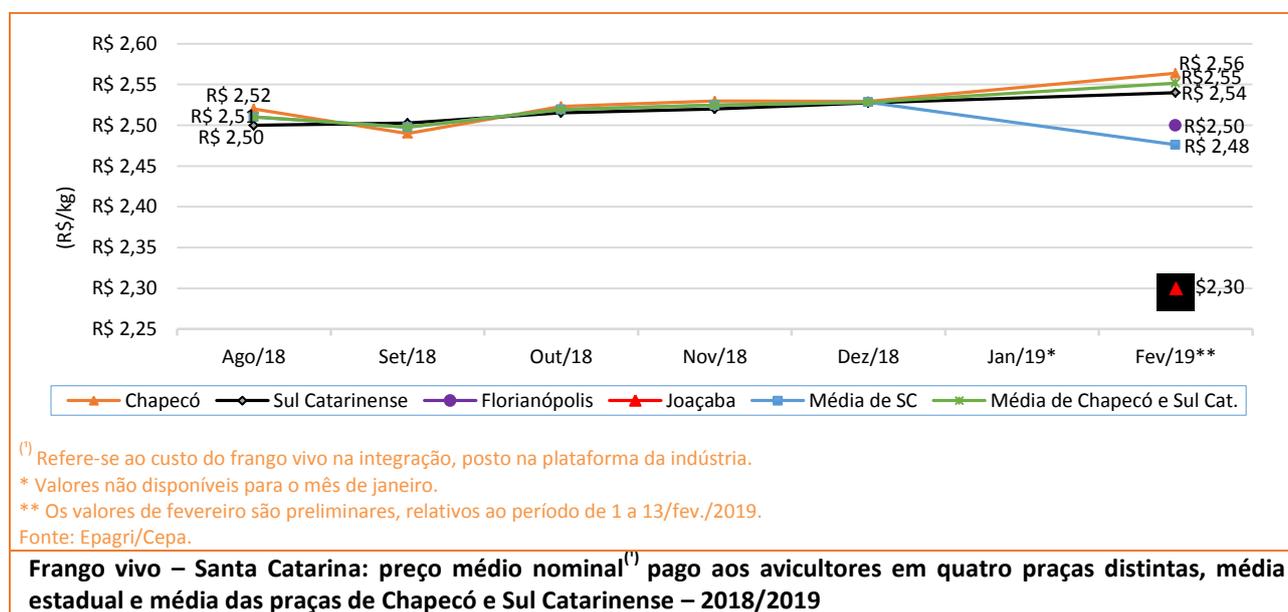
\*\* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/fev./2019.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

**Frango vivo – Santa Catarina, São Paulo e Paraná: preço médio nominal<sup>(1)</sup> mensal pago aos avicultores – 2018/2019**

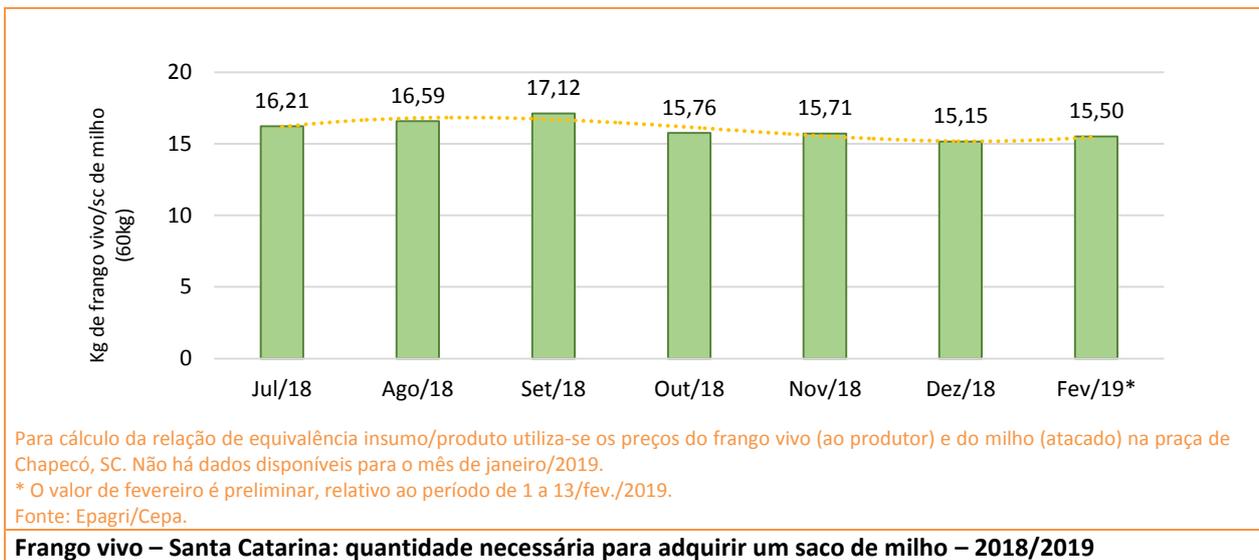
Conforme mencionado anteriormente, além de Chapecó e Sul Catarinense, a partir deste mês a Epagri/Cepa realizará levantamento de preços de frango vivo em duas novas praças: Joaçaba e Florianópolis. Não obstante a relevância estatística da ampliação da abrangência territorial dos levantamentos, tal medida dificulta a comparação dos dados coletados a partir deste momento com os meses e anos anteriores. Para minimizar esse problema, durante os próximos meses consideraremos também nas análises a média elaborada a partir das praças de Chapecó e Sul Catarinense, de forma a possibilitar a transição metodológica.

Como fica evidenciado no gráfico, com exceção da média estadual, as demais linhas mantém a tendência de alta iniciada em setembro de 2018. Na comparação com dezembro, os preços preliminares de fevereiro estão 1,36% e 0,49% mais altos em Chapecó e no Sul Catarinense, respectivamente. A queda na média estadual deve-se à inclusão de duas novas praças de coleta de preços a partir de fevereiro, como já foi dito anteriormente.

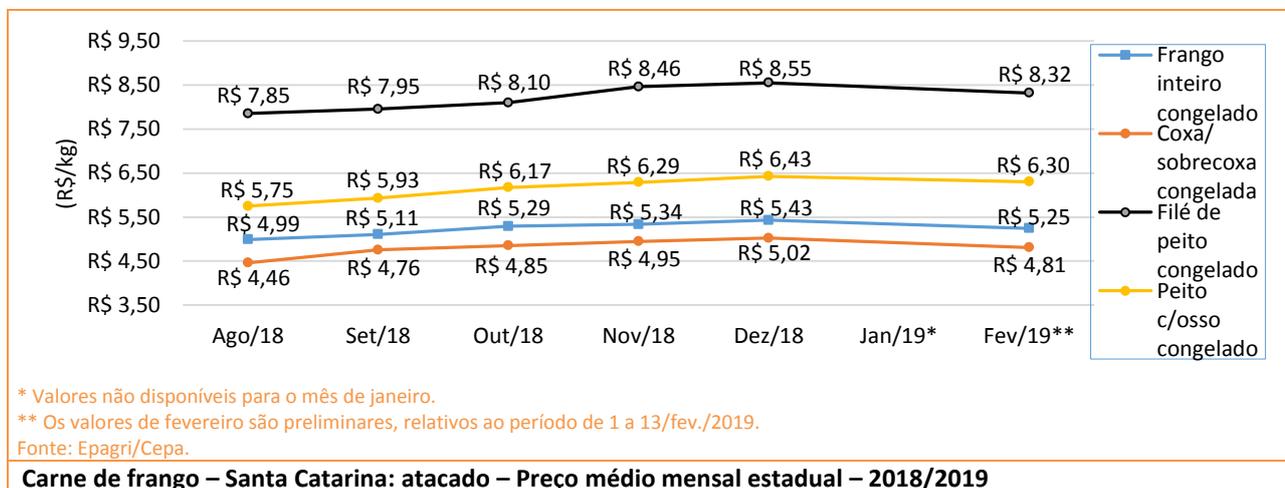


Após seguidas quedas ao longo do último trimestre de 2018, a relação de equivalência insumo-produto voltou a apresentar alta em 2019. Na comparação com dezembro, o valor preliminar de fevereiro apresenta variação de 2,31%. Esse valor é resultante da combinação entre o aumento no preço da saca de milho no atacado (3,70%) e o aumento no preço do frango vivo na praça de Chapecó (1,36%).

Apesar dessa alta no preço do milho, as expectativas do setor avícola continuam favoráveis. De acordo com o relatório de acompanhamento da safra brasileira de grãos publicado no mês de fevereiro pela Conab, no ano agrícola 2018/2019 devem ser colhidas 91,65 milhões de toneladas de milho, um incremento de 13,56% em relação a 2017/2018. Contudo, a 1ª safra deve ser 1,33% menor que no ano anterior, o que ajuda a explicar essa alta mais recente do milho. De qualquer forma, as apostas são de que os preços caiam com o avanço da colheita da 1ª safra e a confirmação das expectativas em relação à safrinha.



Após uma leve recuperação ao longo do segundo semestre do ano passado, o mercado atacadista volta a apresentar predominância de movimentos de baixa nos primeiros meses de 2019. Segundo dados da Epagri/Cepa, todos os quatro cortes cujos preços são registrados pela instituição apresentaram queda nos valores preliminares de fevereiro em comparação com as médias de dezembro de 2018: coxa/sobrecoxa congelada (-4,24%), frango inteiro congelado (-3,37%), filé de peito congelado (-2,70%) e peito com osso congelado (-1,89%). Na média, os quatro cortes estão 3,05% mais baratos que no final do ano passado.

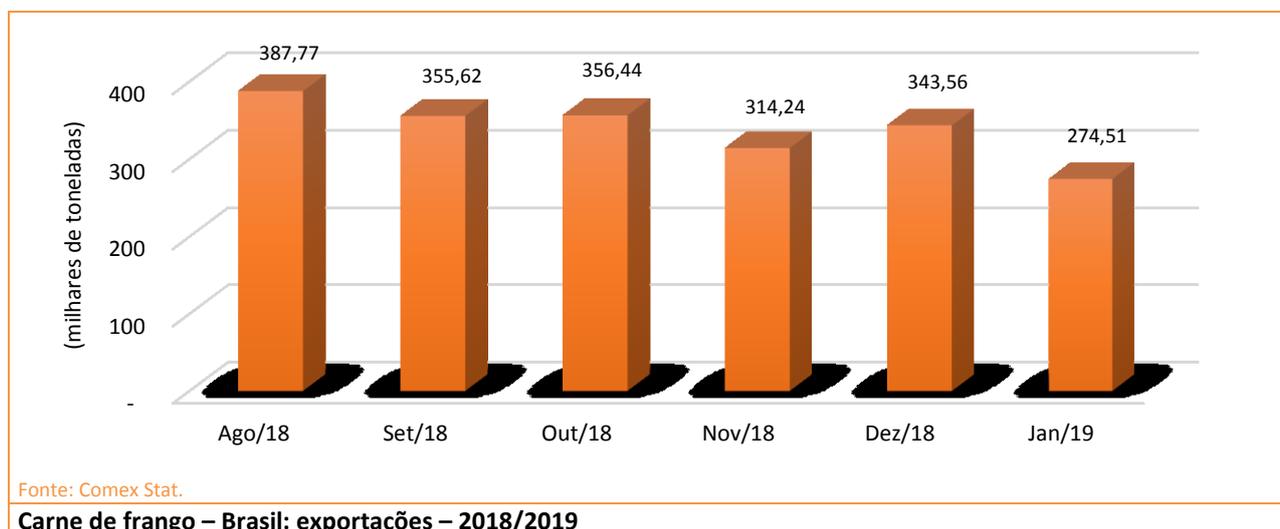


Depois dos bons resultados do segundo semestre de 2018, o ano de 2019 não começou muito favorável para as exportações de frangos. Inicialmente, na terceira semana de janeiro o setor foi surpreendido com a informação de que a Arábia Saudita havia reduzido o número de estabelecimentos credenciados para exportar carnes de aves para aquele país. Originalmente, havia 58 unidades de abate autorizadas, das quais restaram 25 listadas em documento encaminhado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) pelo Saudi Food & Drug Authority (SFDA). Contudo, é necessário ressaltar que, do total de credenciados, apenas 30 exportaram frango para a Arábia Saudita em 2018, o que significa que a redução efetiva foi de cinco unidades.

Em Santa Catarina, dos 15 estabelecimentos credenciados, permaneceram apenas três, localizados em Capinzal, Itaiópolis e Itapiranga. Dentre os abatedouros que exportavam regularmente, ficou de fora a unidade de abate de patos e marrecos localizada em Indaial, que tinha a Arábia Saudita como um dos principais destinos de suas exportações.

A priori, os descredenciamentos teriam se dado por razões técnicas, sendo resultantes de visita realizada ao Brasil por técnicos sauditas em 2018. Contudo, veículos de comunicação, analistas políticos e especialistas do setor chegaram a especular outras razões, como uma possível retaliação dos sauditas em função de anúncios do governo brasileiro na área diplomática, além de uma provável tentativa de estímulo à produção de frangos na própria Arábia Saudita, de forma a reduzir a dependência externa.

Além da informação do descredenciamento de diversas empresas, em janeiro registrou-se queda nas exportações brasileiras de carne de frango. De acordo com os dados do Ministério da Economia, órgão ao qual a área de comércio exterior passou a ser vinculada, no mês passado o Brasil exportou 274,51 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), redução de 20,10% em relação a dezembro. Na comparação com janeiro de 2018 a queda foi de 15,19%.



**Carne de frango – Brasil: exportações – 2018/2019**

Os resultados de janeiro também foram ruins em termos de receitas: US\$ 445,44 milhões, -13,21% em relação ao mês anterior e -21,85% na comparação com janeiro de 2018.

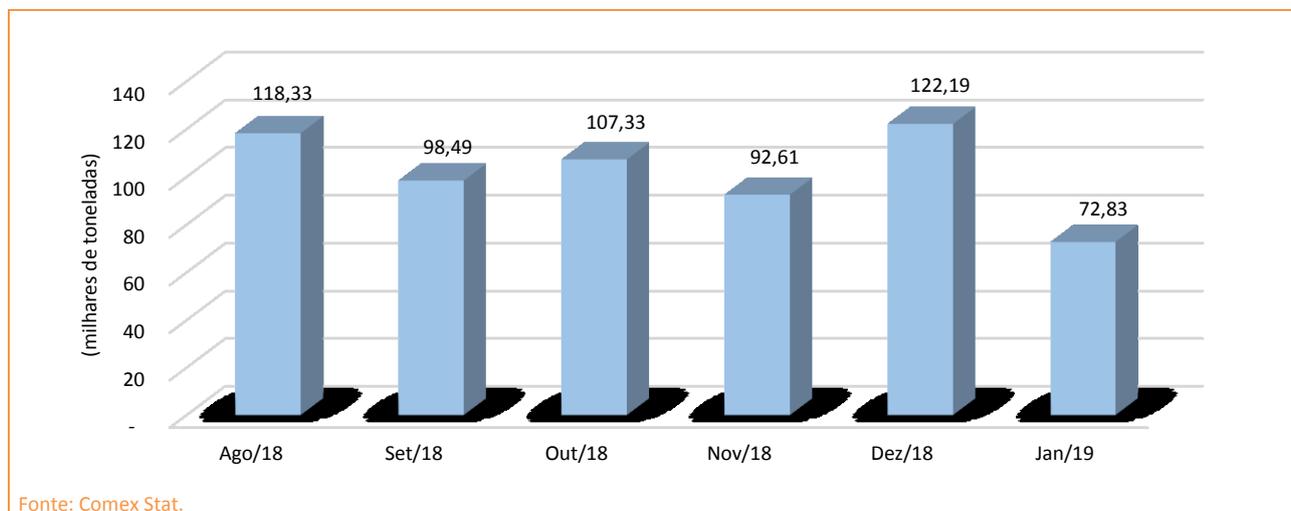
Segundo manifestação da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a retração nas exportações deve-se a questões pontuais. A entidade acredita que a situação deva se normalizar ainda em fevereiro, com retomada dos volumes tradicionais de embarques.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango, em janeiro, foram Arábia Saudita, China, Japão, Emirados Árabes Unidos e Hong Kong, que responderam por 53,85% das receitas obtidas no período.

De acordo com os dados divulgados pelo Ministério da Economia, nas duas primeiras semanas de fevereiro (6 dias úteis) registrou-se aumento expressivo na média diária de embarques de carne de frango *in natura* em relação a janeiro: 58,71% em valor e 56,72% em quantidade. Na comparação com fevereiro de 2018 também se observam aumentos nas médias diárias: 17,45% em valor e 14,85% em quantidade.

Assim como no cenário nacional, Santa Catarina também registrou queda significativa nas exportações de carne de frango em janeiro: foram embarcadas **72,83 mil toneladas**, 40,40% menos que em dezembro. Embora a variação seja bastante expressiva, é preciso lembrar que os resultados de dezembro foram acima

da média de 2018, constituindo-se no segundo maior volume mensal daquele ano. Prova disso é que na comparação com janeiro de 2018, por exemplo, o resultado é positivo: aumento de 4,65%.



Fonte: Comex Stat.

**Carne de frango – Santa Catarina: exportações de carne de frango – 2018/2019**

As receitas, da mesma forma, apresentaram queda significativa em relação ao mês anterior: foram gerados US\$ 125,77 milhões com as exportações de frangos, valor 39,85% menor que o de dezembro. Por outro lado, na comparação com janeiro de 2018 observa-se crescimento de 4,84%.

Os cinco principais destinos da carne de frango catarinense foram responsáveis por 52,40% do valor exportado pelo estado em janeiro.

Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Janeiro/2019		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	18.496.099,00	9.919
Arábia Saudita	13.968.855,00	7.545
China	13.285.876,00	7.331
Emirados Árabes Unidos	11.146.225,00	6.289
Países Baixos (Holanda)	9.003.678,00	3.137
Demais países	59.865.045,00	38.605
<b>Total</b>	<b>125.765.778,00</b>	<b>72.826</b>

Fonte: Comex Stat.

O Japão, nosso maior importador, reduziu em 28,33% as compras de carne de frango de Santa Catarina, o que impactou nos resultados de janeiro. Os Emirados Árabes, que em 2018 foram o quinto principal destino do frango catarinense, também reduziram suas compras, embora em percentual menos expressivo (-2,19% em quantidade). Chamam a atenção as quedas de Hong Kong e Alemanha, ambas superiores a 50%. Até o momento, os motivos de tamanhas retrações são desconhecidos.

Especula-se que, no caso de Hong Kong, pode ter havido um redirecionamento de parte das importações para portos da China continental, já que muitas vezes os produtos chegam em Hong Kong e depois são transferidos a outras províncias daquele país.

Felizmente, diversos outros países aumentaram suas importações e compensaram as quedas, em especial a Arábia Saudita (29,86% em valor e 15,49% em quantidade), a China (52,34% em valor e 39,67% em quantidade) e os Países Baixos (17,51% em valor e 7,42% em quantidade).

Pouco antes do fechamento desta edição do Boletim, a imprensa brasileira divulgou informações sobre mais uma medida potencialmente negativa para a cadeia produtiva de frangos do país: o Ministério do Comércio da China anunciou a implementação de tarifas *antidumping* de 17,8% a 32,4% sobre produtos de carne de frango brasileiros por cinco anos, após concluir que sua indústria doméstica estava sendo prejudicada pela entrada dos produtos brasileiros.

A investigação sobre práticas de *dumping* contra as exportações brasileiras de carne de frango começou em agosto de 2017. Em agosto do ano passado, o governo chinês impôs uma tarifa provisória que variava de 18,8% a 38,4% e teria vigência até meados de fevereiro.

Contudo, a maior parte das exportações de frango para a China não sofrerá a sobretaxação, já que as principais empresas celebraram um acordo de preços mínimos (conhecido como *price undertaking*) com o governo chinês para evitar tarifas *antidumping*. Segundo informações divulgadas pela imprensa, um total de 14 empresas assinaram tal tipo de acordo, incluindo BRF e JBS, maiores exportadoras do país. Procuradas pela imprensa, a BRF confirmou a assinatura do acordo e a JBS não se manifestou. Segundo informações não oficiais, dentre as demais signatárias desse tipo de acordo estaria a Aurora Alimentos, maior cooperativa de Santa Catarina.

Não obstante tais acordos, alguns analistas afirmam que existe o risco dessa medida diminuir a competitividade do frango brasileiro no mercado chinês. Em nota, a ABPA afirma que discorda desse posicionamento do governo chinês e que o conselho diretor da entidade analisará a decisão e “submeterá suas considerações ao governo brasileiro para a decisão sobre futuras ações”.

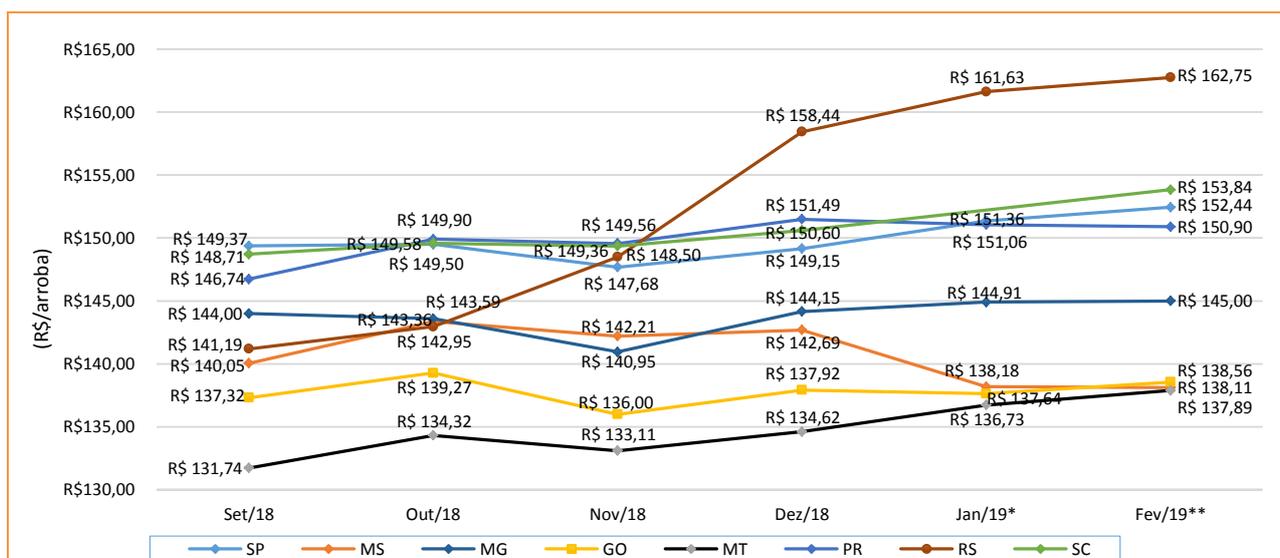
## Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br)

O mercado do boi gordo manteve-se relativamente estável no início de 2019, com poucas variações na maioria das regiões. Dos oito estados analisados, seis apresentam variação positiva quando se comparam os preços preliminares de fevereiro com as médias de janeiro: Mato Grosso (0,85%), São Paulo (0,71%), Rio Grande do Sul (0,70%), Goiás (0,67%) e Minas Gerais (0,06%).

Em Santa Catarina, tendo em vista a indisponibilidade de dados referentes a janeiro, utilizou-se como parâmetro de comparação o mês de dezembro de 2018, o que resultou num aumento de 2,15%. Contudo, a partir deste ano a Epagri/Cepa passou a levantar o preço diário do boi gordo nas praças de Caçador e Florianópolis, que foram também incluídas no cálculo do preço médio estadual, o que contribuiu para a variação significativa anteriormente mencionada. Se considerarmos somente as praças utilizadas até o ano passado, a diferença entre fevereiro de 2019 e dezembro de 2018 passa a ser de 0,87%.

Os dois estados que apresentam variação negativa entre janeiro e fevereiro são Paraná (-0,11%) e Mato Grosso do Sul (-0,05%). Como se percebe, as variações negativas são bastante reduzidas, sendo possível afirmar que os preços permaneceram estáveis nesses estados.



\* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

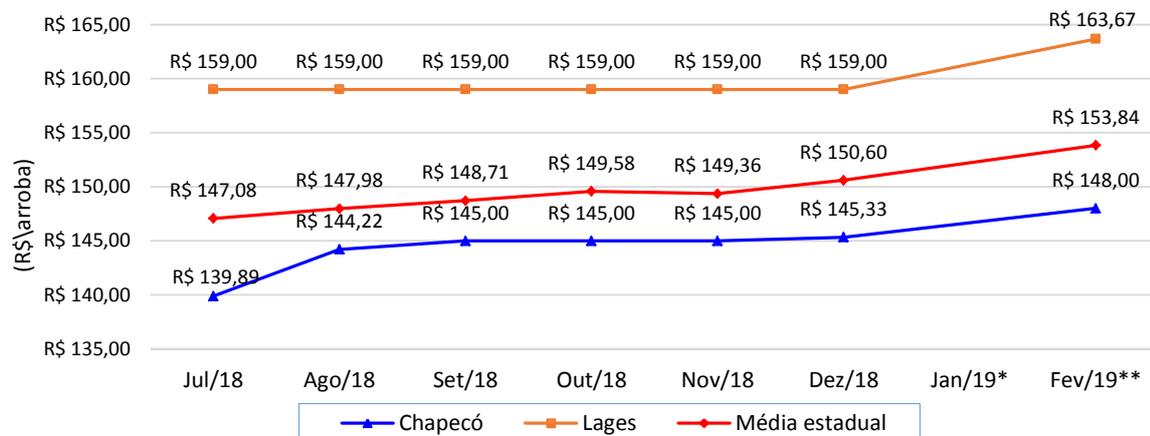
\*\* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/fev./2019.

Fonte: Epagri/Cepa<sup>(1)</sup>; Cepea<sup>(2)</sup>; SEAB<sup>(3)</sup>; Nespro<sup>(4)</sup>.

**Boi gordo – SC<sup>(1)</sup>, SP<sup>(2)</sup>, MG<sup>(2)</sup>, GO<sup>(2)</sup>, MT<sup>(2)</sup>, MS<sup>(2)</sup>, PR<sup>(3)</sup> e RS<sup>(4)</sup>: evolução dos preços da arroba de– 2018/2019**

Na comparação com fevereiro de 2018, o resultado é positivo em todos os estados: Rio Grande do Sul (8,53%), Paraná (6,97%), Mato Grosso do Sul (6,10%), Santa Catarina (5,11%), São Paulo (4,65%), Goiás (4,31%), Minas Gerais (4,27%) e Mato Grosso (4,15%). Nos últimos 12 meses, o IPCA/IBGE registra inflação acumulada de 3,78%.

Depois de sofrerem poucas alterações durante todo o segundo semestre de 2018, os preços do boi gordo nas duas praças de referência em Santa Catarina (Chapecó e Lages) começaram o ano em alta. Quando comparados aos valores de dezembro, os preços preliminares de fevereiro registram variação de 1,84% em Chapecó e 2,94% em Lages. Em relação a fevereiro do ano passado, as diferenças são ainda mais significativas, sendo superiores à inflação acumulada no período: 7,25% em Chapecó e 6,97% em Lages.



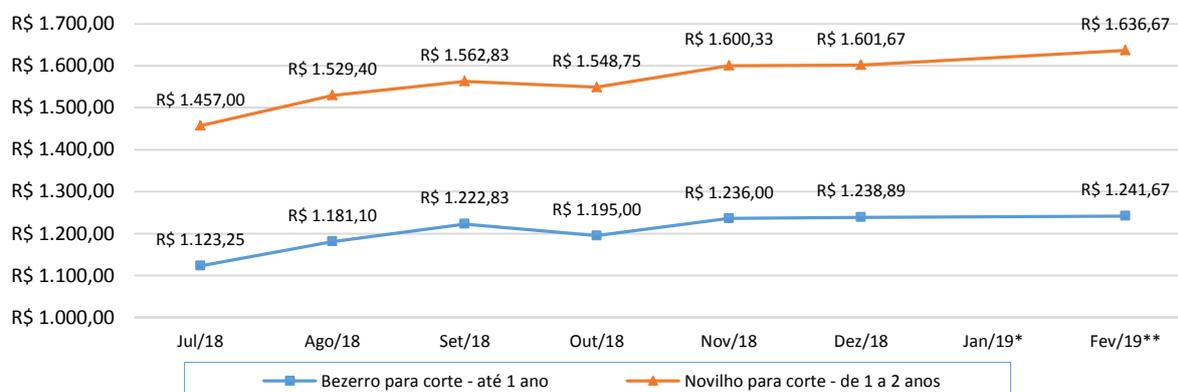
\* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

\*\* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/fev./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Boi gordo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal nas praças de referência e média estadual – 2018/2019**

Apesar da relativa estabilidade do setor nos últimos meses, o mercado de animais de reposição segue registrando altas. Segundo os preços preliminares de fevereiro, os bezerros de até 1 ano estão 0,22% mais caros que a média de dezembro, enquanto os novilhos de 1 a 2 anos registram aumento de 2,19%. Em relação a fevereiro de 2018, as variações são expressivas para ambas as categorias: 8,86% para os bezerros e 10,26% para novilhos.



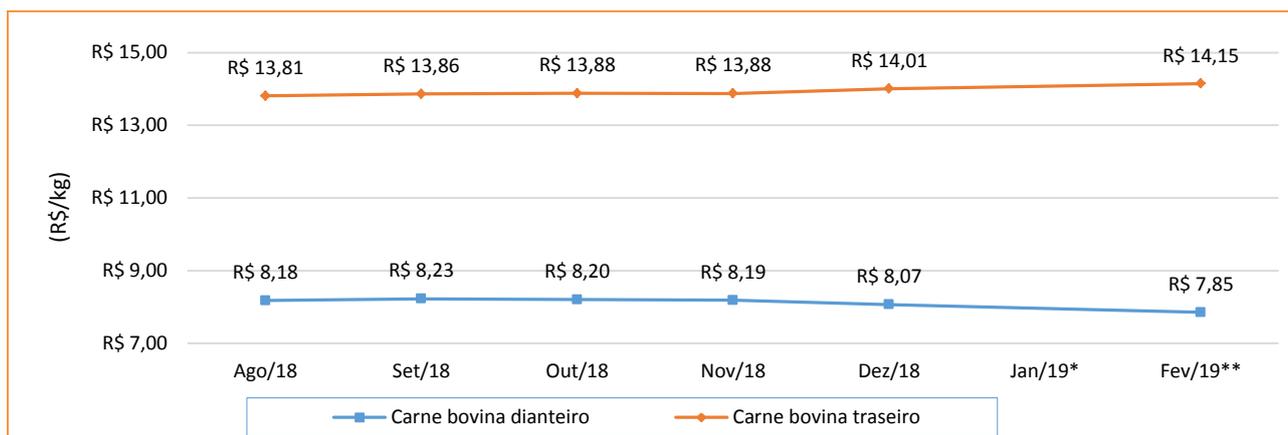
\* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

\*\* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/fev./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual – 2018/2019**

No mercado atacadista, os dois principais cortes acompanhados mantiveram as tendências observadas no final de 2018. A carne de traseiro apresentou alta de 1,00% no preço médio preliminar de fevereiro em relação a dezembro, enquanto o dianteiro caiu 2,65% no mesmo período. Com isso, na comparação com fevereiro de 2018, o dianteiro registra defasagem de 4,79%, ao passo que a carne de traseiro subiu 1,70%.



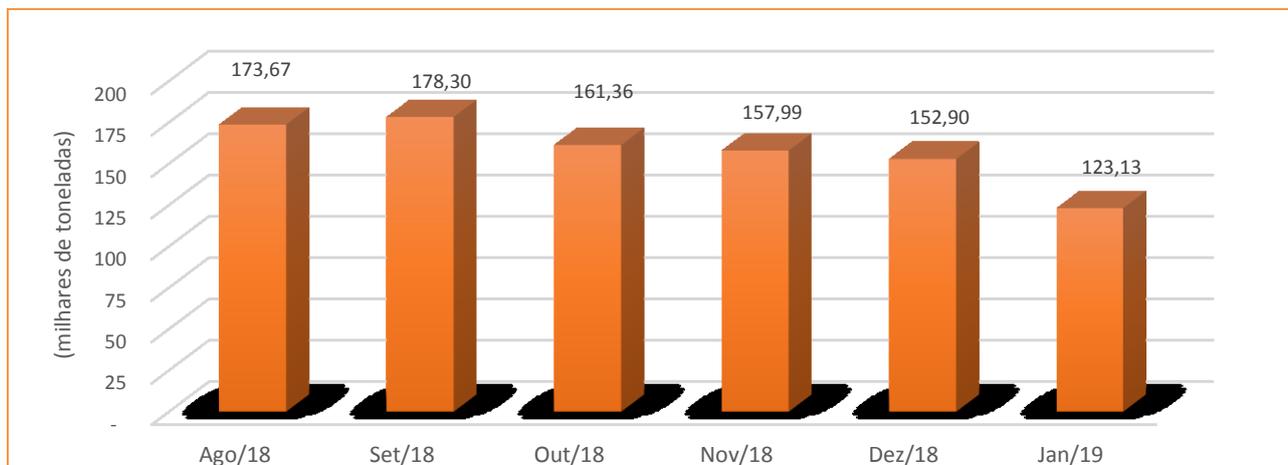
\* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

\*\* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/fev./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

#### Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual de dianteira e traseiro – 2018/2019

Depois do recorde de 2018, as exportações brasileiras de carne bovina começaram o ano com resultados negativos. Conforme dados do Ministério da Economia, em janeiro foram exportadas **123,13 mil toneladas** (*in natura*, industrializada e miudezas), queda de 19,47% em relação ao mês anterior e de 0,65% na comparação com janeiro de 2018. Porém, a tendência de queda vem sendo observada desde outubro do ano passado.



Fonte: Comex Stat.

#### Carne bovina – Brasil: exportações – 2018/2019

Da mesma forma que a quantidade, as receitas também apresentaram quedas significativas em janeiro: foram gerados US\$ 457,12 milhões em divisas, o que representa uma queda de 20,88% em relação ao mês anterior e de 11,77% na comparação com janeiro de 2018.

Os cinco principais destinos externos da carne bovina brasileira responderam por 62,07% das receitas de janeiro.

<b>Carne bovina – Brasil: principais destinos das exportações – Janeiro de 2019</b>		
<b>País</b>	<b>Valor (US\$)</b>	<b>Quantidade (t)</b>
China	107.281.568,00	23.540
Hong Kong	90.152.980,00	27.595
Egito	39.293.422,00	14.126
Chile	24.842.845,00	6.569
Itália	22.178.893,00	3.880
Demais países	173.372.968,00	47.416
<b>Total</b>	<b>457.122.676,00</b>	<b>123.126</b>

Fonte: Comex Stat.

Embora continue sendo o principal destino da carne bovina brasileira, houve diminuição no ritmo de crescimento das exportações para a China. O montante exportado em janeiro deste ano, por exemplo, é apenas 3,30% superior ao mesmo mês de 2018, enquanto em períodos anteriores as taxas de crescimento normalmente eram de algumas dezenas. Além disso, Hong Kong, que é uma região administrativa especial da China e constituiu-se no segundo principal destino da carne bovina brasileira, diminuiu suas importações em janeiro: -36,05% em valor e -26,76% em quantidade.

Também foram registradas reduções nas exportações para o Chile (-16,26% em valor e -6,41% em quantidade), os Estados Unidos (-13,02% em valor e -2,39% em quantidade) e o Irã (-63,336% em valor e -56,39% em quantidade), para ficarmos apenas entre os dez principais importadores. Essas quedas foram parcialmente compensadas pela ampliação das importações chinesas, conforme já mencionado, além do aumento dos embarques para outros países, com destaque para a Itália (18,02% em valor e 40,68% em quantidade), Emirados Árabes Unidos (120,36% em valor e 150,69% em quantidade) e Arábia Saudita (22,44% em valor e 66,47% em quantidade).

Também merece destaque a retomada das exportações para a Rússia, que em janeiro adquiriu 3,11 mil toneladas. Vale destacar que em novembro de 2017, último mês antes do início do embargo, o Brasil exportou 15,2 mil toneladas de carne bovina para os russos.

Segundo dados divulgados pelo Ministério da Economia, nas duas primeiras semanas de fevereiro (6 dias úteis) registrou-se aumento na média diária de embarques de carne bovina *in natura*: 51,89% em valor e 53,26% em quantidade. Na comparação com fevereiro do ano passado os resultados também são positivos, com crescimento nas médias diárias de 21,22% em valor e 30,54% em quantidade.

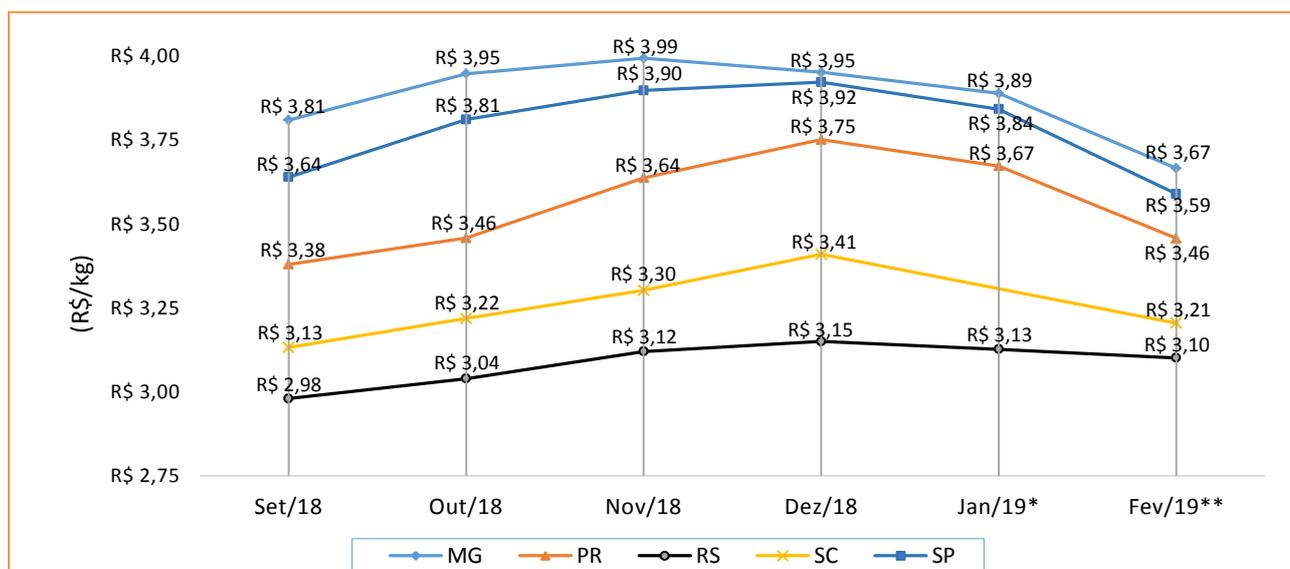
As exportações catarinenses de carne bovina, que registraram resultados impressionantes em 2018, iniciaram o ano em queda. Em janeiro, foram embarcadas 386 toneladas, -2,39% em relação ao mês anterior e -13,17% na comparação com janeiro de 2018. As receitas foram de US\$ 1,08 milhão, 4,16% abaixo do mês anterior e 28,56% menos do que janeiro de 2018.

## Suinocultura

Alexandre Luís Giehl  
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandregiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandregiehl@epagri.sc.gov.br)

Se o segundo semestre de 2018 foi caracterizado pela predominância dos movimento de alta nos preços do suíno vivo, 2019 começou com motivos de preocupação para os produtores. Nos estados analisados neste boletim, nos meses de janeiro e fevereiro prevaleceu a tendência de queda. Em janeiro, a variação média foi de -1,62%, tendo como extremos o Rio Grande do Sul (-0,75%) e São Paulo (-2,05%). Em fevereiro, esse processo de queda se acentuou nos cinco estados analisados. Em São Paulo, a diferença entre os preços preliminares de fevereiro e a média de janeiro foi de -6,57%. Paraná e Minas Gerais também apresentaram quedas bastante significativas, com -5,87% e -5,74%, respectivamente. Mais uma vez, a menor variação foi observada no Rio Grande do Sul, com -0,82%. Em Santa Catarina, tendo em vista a indisponibilidade de dados relativos ao mês de janeiro, os preços de fevereiro foram comparados aos de dezembro de 2018, verificando-se queda de 6,00%.

Apesar dos resultados dos últimos dois meses, na comparação com fevereiro de 2018 predominam os resultados positivos: 6,82% no Paraná, 3,42% em São Paulo e 0,05% em Minas Gerais. Rio Grande do Sul e Santa Catarina registram variações negativas no período: -0,90% e -2,47%, respectivamente. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 3,78%, conforme aponta o IPCA/IBGE.



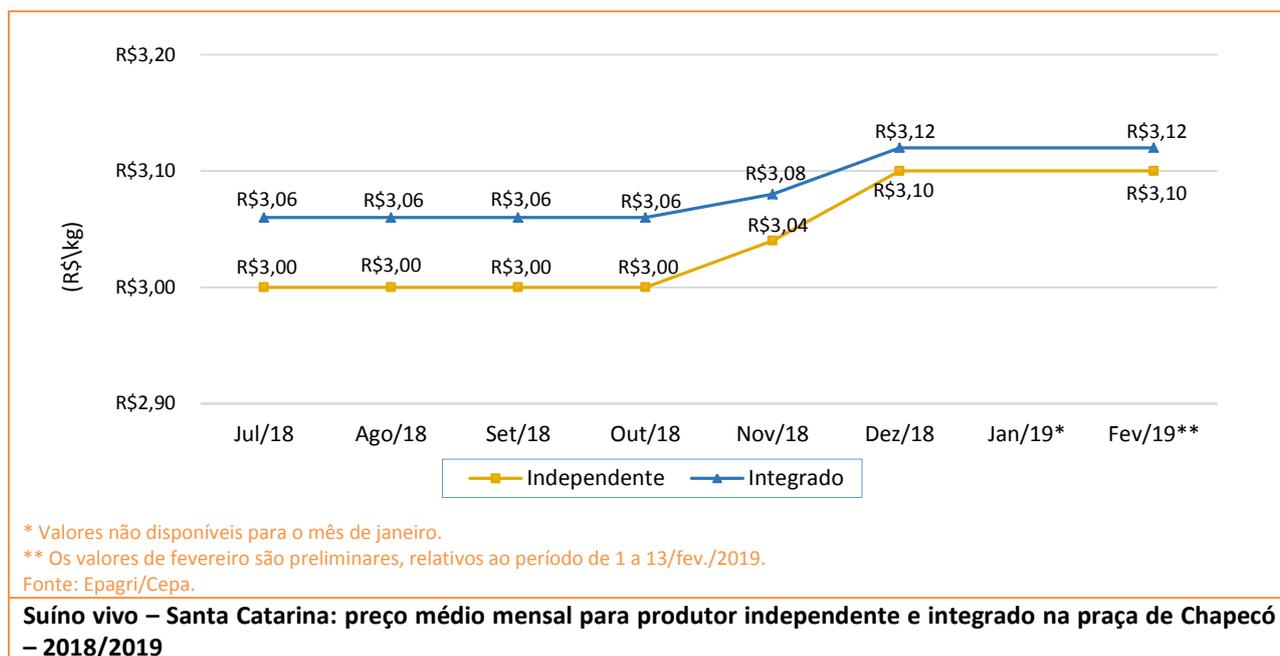
\* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

\*\* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/fev./2019.

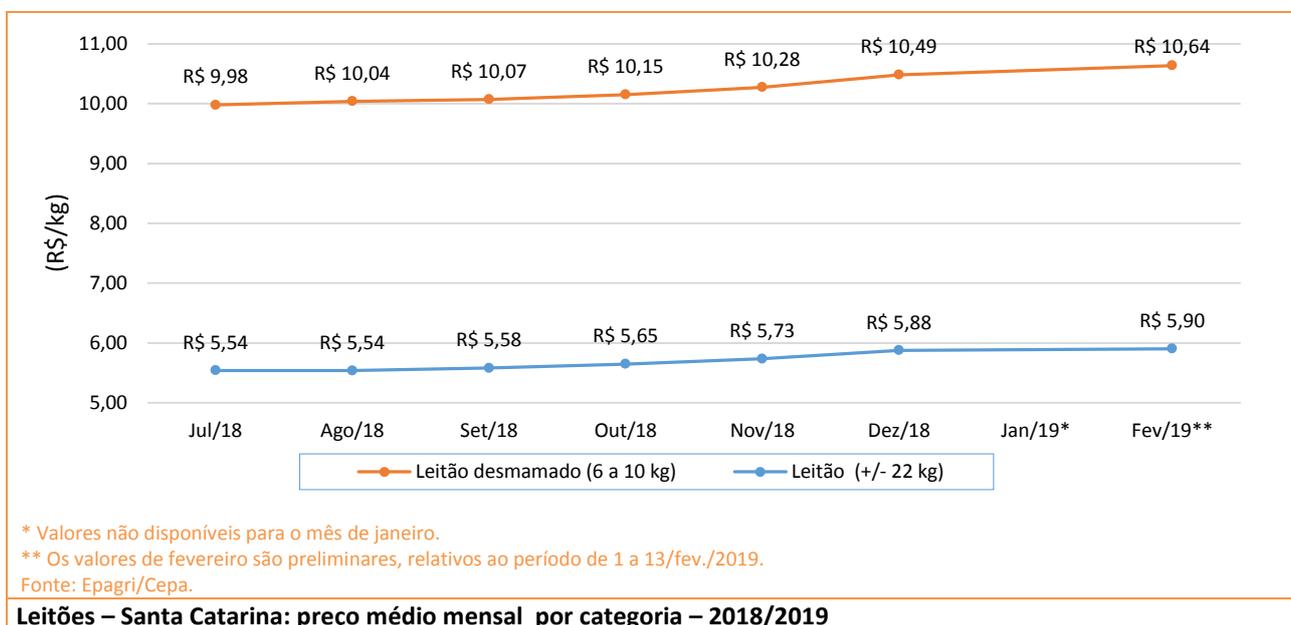
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

**Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço pago nos principais estados produtores (R\$/kg) – 2018/2019**

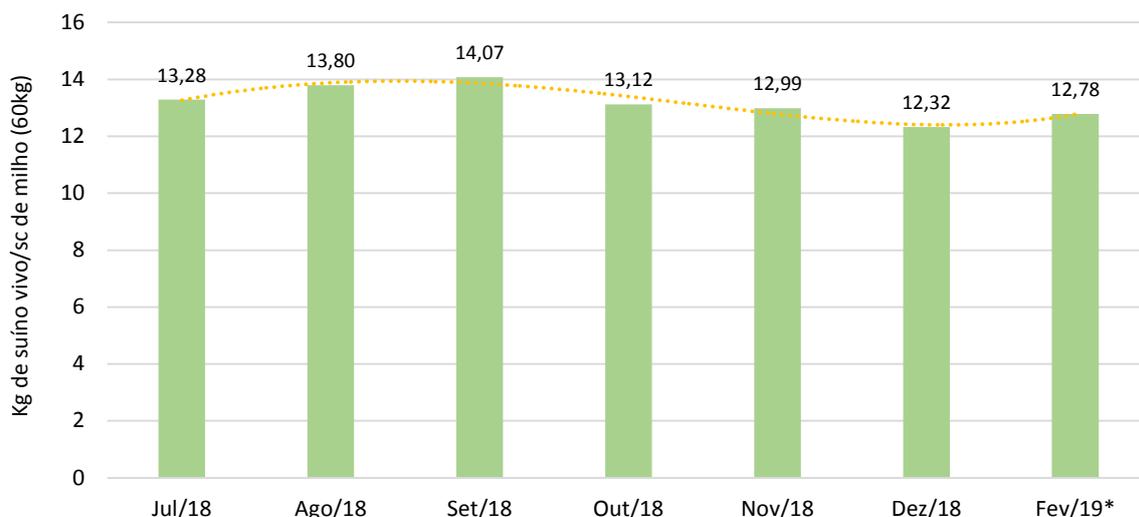
Após as variações positivas no final do ano passado, os preços do suíno vivo voltaram a apresentar estabilidade entre dezembro e fevereiro em Chapecó, praça de referência para esse produto. Na comparação com os preços pagos em fevereiro de 2018, o resultado é negativo para ambas as categorias de produtores: -4,60% para os produtores independentes e -1,02% para os integrados.



Apesar da tendência de queda no preço do suíno vivo, os preços dos leitões mais uma vez registraram altas, como vem acontecendo desde o final do primeiro semestre de 2018. Em fevereiro, o preço preliminar dos leitões de 6 a 10kg é 1,48% superior ao registrado em dezembro de 2018. A variação dos leitões com +/- 22kg é um pouco menor, mas também positiva: 0,47%.



Após a sequência de quedas no último trimestre de 2018, em fevereiro deste ano a relação de equivalência insumo/produto voltou a apresentar alta. O valor preliminar do índice de equivalência (12,78) é 3,70% superior ao registrado em dezembro. Esse resultado é decorrente, exclusivamente, do aumento no preço médio da saca de milho no atacado da região de Chapecó (3,70%), já que o preço dos suínos manteve-se inalterado nessa mesma praça no período em questão. O valor atual da relação de troca está 13,23% acima daquela registrada em fevereiro de 2018.



Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

\* O valor de fevereiro é preliminar, relativo ao período de 1 a 13/fev./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

#### Chapecó/SC – Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – 2018/2019

Apesar dessa alta no preço do milho, as perspectivas continuam favoráveis para o setor suinícola. De acordo com o relatório de acompanhamento da safra brasileira de grãos, publicado no mês de fevereiro pela Conab, no ano agrícola 2018/2019 devem ser colhidas 91,65 milhões de toneladas de milho, incremento de 13,56% em relação a 2017/2018. Contudo, a 1ª safra deve ser 1,33% menor que no ano anterior, o que ajuda a explicar essa alta mais recente do milho. De qualquer forma, a expectativa é de que os preços caiam com o avanço da colheita da 1ª safra e a confirmação das estimativas preliminares em relação à safrinha.

No último trimestre de 2018 registrou-se tendência de alta nos preços de atacado de todos os cinco cortes suínos cujos preços são levantados pela Epagri/Cepa. Contudo, no início de 2019 se observa reversão desse processo, com predominância das variações negativas. Na comparação entre as médias de dezembro<sup>1</sup> e os valores preliminares de fevereiro, em quatro dos cinco cortes são verificadas quedas: pernil (-4,43%), carcaça (-1,93%), carré (-1,35%) e lombo (-1,05%). Somente a costela registrou variação positiva (3,58%).

#### Carne suína: Santa Catarina – Preço médio estadual no atacado – 2018/2019

Produto	Novembro/18	Dezembro/18	Fevereiro/19*
Carré (sem couro)	R\$ 8,11	R\$ 8,43	R\$ 8,32
Costela (sem couro)	R\$ 11,80	R\$ 11,89	R\$ 12,32
Lombo	R\$ 10,77	R\$ 11,16	R\$ 11,05
Carcaça	R\$ 6,22	R\$ 6,46	R\$ 6,34
Pernil (com osso e couro)	R\$ 7,30	R\$ 7,58	R\$ 7,24

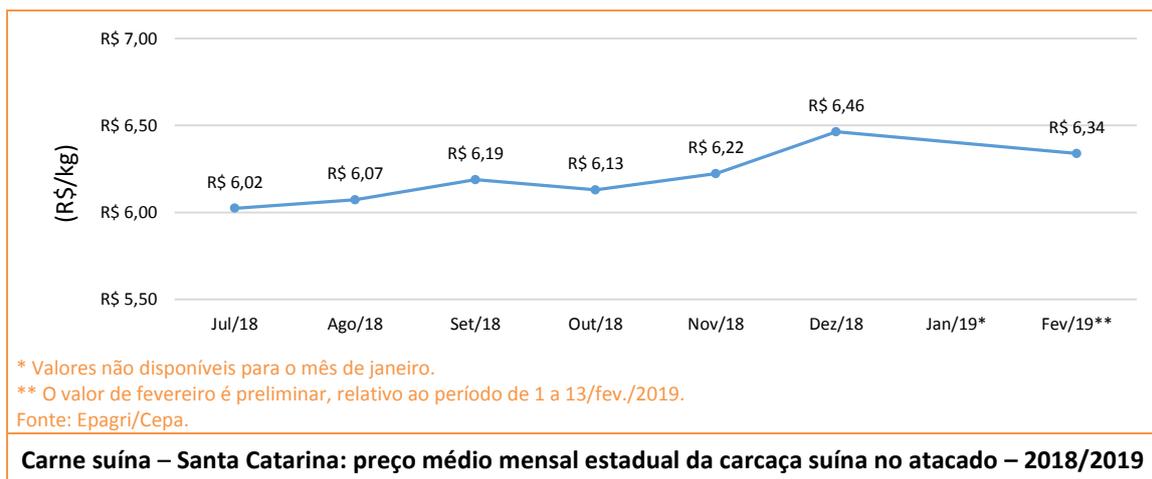
\* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/fev./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

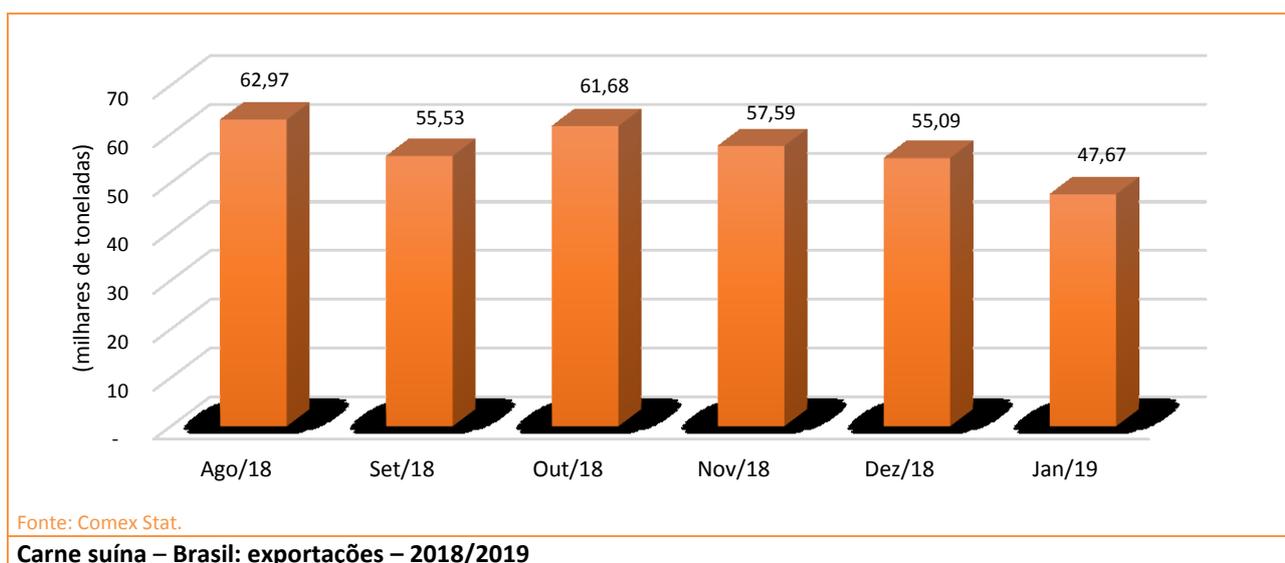
<sup>1</sup> Não há dados disponíveis para o mês de janeiro, razão pela qual realizou-se a comparação com dezembro de 2018.

Essas quedas têm relação com a menor demanda por carne suína neste período do ano, bem como com o desempenho ruim das exportações no último mês. Segundo relatório divulgado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq), o preço no atacado da carcaça suína especial caiu 8,88% em janeiro na Grande São Paulo. O Cepea associa esse cenário à queda no preço do suíno vivo naquele estado.

A figura a seguir apresenta a evolução do preço médio estadual no atacado da carcaça suína ao longo do segundo semestre de 2018 e primeiros meses de 2019.



Pelo terceiro mês consecutivo, as exportações brasileiras de carne suína apresentaram queda. De acordo com os dados divulgados pelo Ministério da Economia, em janeiro foram exportadas 46,67 mil toneladas deste produto, somando-se carne *in natura*, industrializada e miúdos, o que representa queda de 13,47% em relação ao mês anterior. Na comparação com janeiro de 2018, a queda foi de 10,79%. Esse é o pior resultado desde junho do ano passado.



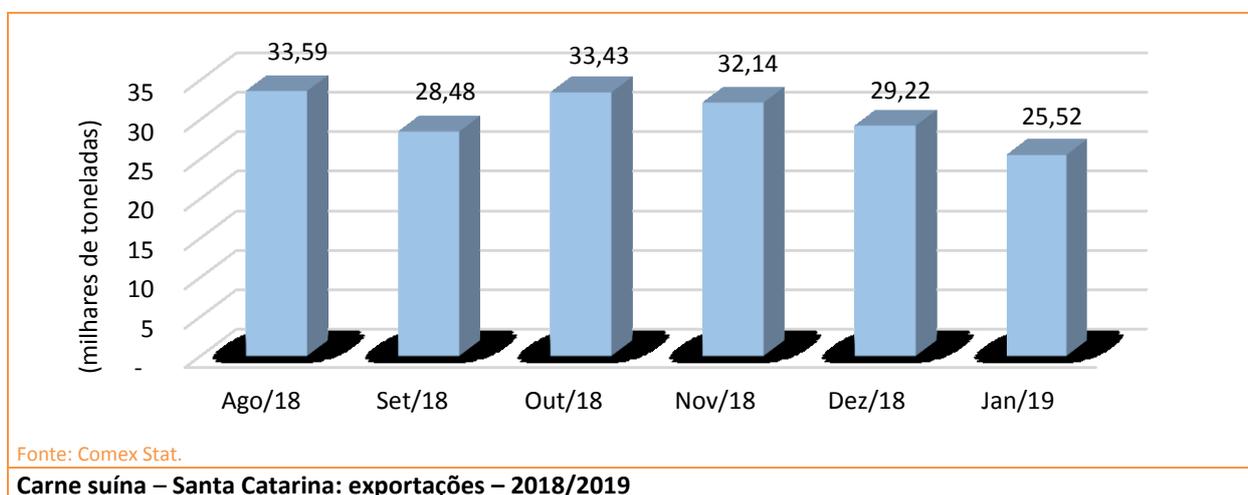
As receitas também foram impactadas por essa retração: US\$ 90,65 milhões em janeiro, 13,06% menos que no mês anterior e 17,91% abaixo do montante gerado em janeiro de 2018.

Os cinco principais destinos externos da carne suína brasileira em janeiro foram China, Rússia, Hong Kong, Chile e Argentina, que responderam por 68,81% das receitas. O destaque fica por conta da Rússia, que,

após quase um ano de embargo, retomou as compras de carne suína brasileira no final de 2018 e já ocupa a segunda colocação no ranking. A China, por sua vez, comprou 17,66 mil toneladas em janeiro, o que representa queda de 17,16% em relação ao mês anterior e de 38,95% na comparação com janeiro de 2018. Esse cenário indica a possibilidade da Rússia recuperar a posição de liderança no ranking de destinos da carne suína brasileira nos próximos meses.

Os dados preliminares divulgados pelo Ministério da Economia demonstram que, na comparação com o mês anterior, a média diária de embarques de carne suína *in natura* cresceu nas duas primeiras semanas de fevereiro (6 dias úteis): 42,70% em termos de valor e 49,56% em quantidade. Em relação a fevereiro de 2018 se observa comportamento semelhante dos dados: aumento de 20,63% em valor e de 35,67% em quantidade.

Em janeiro, pelo terceiro mês consecutivo, as exportações catarinenses de carne suína apresentaram queda em termos de quantidade. Foram embarcadas 25,52 mil toneladas, 12,69% a menos que em dezembro. Contudo, quando comparado a janeiro de 2018, o resultado é ligeiramente positivo, com crescimento de 2,09%.



As receitas geradas pela exportação de carne suína atingiram o montante de US\$ 47,14 milhões em janeiro, queda de 12,87% em relação ao mês anterior e de 8,07% na comparação com janeiro de 2018.

Santa Catarina foi responsável por 51,35% da carne suína exportada pelo Brasil no último mês, além de 51,09% das receitas.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses em janeiro responderam por 72,62% das receitas e 67,65% da quantidade embarcada.

Carne suína: Santa Catarina – Principais destinos das exportações – Janeiro/2019		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	15.962.415,00	7.988
Chile	7.555.617,00	3.935
Hong Kong	4.173.370,00	2.422
Argentina	3.923.183,00	1.935
Rússia	2.618.508,00	983
Outros países	12.905.686,00	8.253
<b>Total</b>	<b>47.138.779,00</b>	<b>25.516</b>

Fonte: Comex Stat.

Os fracos resultados de janeiro são devidos, principalmente, à redução das exportações para a China e Hong Kong. Em relação a janeiro de 2018, a queda nos embarques para a China foi de 20,35% em valor e 18,13% em quantidade, enquanto para Hong Kong esses índices foram de -59,35% e -51,57%, respectivamente. O que amenizou os efeitos dessas duas retrações foram as exportações para três países sul-americanos, que apresentaram aumentos significativos em termos de quantidade, na comparação com o ano passado: 75,91% para o Chile, 27,26% para a Argentina e 241,84% para o Uruguai. Além disso, também contribuiu significativamente a retomada dos embarques para a Rússia, que em janeiro somaram 983 toneladas e US\$ 2,62 milhões.

Apesar dos números negativos, as perspectivas para 2019 seguem favoráveis, principalmente em função do possível incremento das exportações para a China, que enfrenta um surto de peste suína africana. Além disso, as estimativas da safra de grãos divulgadas até o momento apontam uma maior oferta de milho em 2019, o que tende a reduzir os custos de produção ao longo do ano.

Relatório divulgado em janeiro pelo Rabobank corrobora essas perspectivas otimistas para a suinocultura brasileira. Além do incremento das compras chinesas em decorrência dos focos de peste suína africana, o banco aponta a retomada das importações pela Rússia como um fator de ampliação das exportações. O Rabobank também estima um aumento de 4% na demanda interna de carne suína em 2019, considerando a esperada melhora no cenário econômico. Todos esses elementos devem resultar na melhoria dos preços pagos ao produtor.

Por outro lado, embora os analistas do banco apostem que os preços do milho devam ficar menores que em 2018, ressaltam a incerteza em relação aos valores a serem efetivamente atingidos. De acordo com o relatório, a ocorrência de chuvas não previstas em algumas regiões produtoras pode impactar a produtividade da soja e reduzir a janela para o plantio de milho de inverno, o que afetaria as estimativas de safra divulgadas até o momento.

## Leite

Tabajara Marcondes  
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[tabajara@epagri.sc.gov.br](mailto:tabajara@epagri.sc.gov.br)

### Breve histórico da medida antidumping

Em janeiro de 1999, a Confederação Nacional da Agricultura (CNA) protocolou petição para que a Câmara de Comércio Exterior (CAMEX) investigasse a prática de dumping nas exportações de leite em pó ou granulado, não fracionado, de diferentes países, entre os quais a Nova Zelândia e da União Europeia (UE).

A CNA alegava que esses países exportavam para o Brasil praticando dumping e que isso provocava danos à cadeia leiteira nacional. A petição foi aceita e iniciada ainda em 1999 e encerrada em 2001. Resultou na aplicação de direitos antidumping de 3,9% nas exportações da Nova Zelândia e de 14,8% nas exportações da UE. Na prática, portanto, a entrada desses produtos no Brasil era tarifada em 28%, da Tarifa Externa Comum (TEC-Mercosul), mais 3,9%, para Nova Zelândia, e 14,8%, para UE, ou seja, em 31,9% e 42,8%, respectivamente.

Desde então, quando por vencer, a CNA<sup>2</sup> peticionou e, depois do devido processo, a CAMEX renovou esses direitos antidumping. A última renovação se deu em 2013, com os direitos antidumping vigorando até 06/02/2019, quando a Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais do Ministério da Economia publicou no Diário Oficial da União a Circular Nº5<sup>3</sup>, onde se lê que “*não houve comprovação da probabilidade de retomada de dumping nas exportações da União Europeia e da Nova Zelândia para o Brasil e do dano à indústria doméstica decorrente de tal prática, no caso de extinção da medida antidumping em questão*”, e que foi encerrada a medida antidumping.

### Aspectos internacionais e nacionais relacionados à questão

- ✓ A estimativa de produção mundial de leite é de 827 milhões de toneladas em 2018. O comércio mundial de produtos lácteos é estimado em 74,5 milhões de toneladas (equivalente litros de leite), representando 9% da produção mundial (FAO, 2018)<sup>4</sup>.
- ✓ A União Europeia (UE) e a Nova Zelândia são destacadamente os dois maiores exportadores mundiais de produtos lácteos. Responderam, respectivamente, por 27,2% e 25,5% das exportações mundiais de lácteos/leite em 2018. O terceiro maior exportador são os EUA, com 16% das exportações mundiais. A Ásia (59,5%) e África (13,8%) respondem por 73,4% das importações mundiais (FAO, 2018).
- ✓ A Argentina e o Uruguai, parceiros brasileiros do Mercosul, são exportadores de lácteos. Em face das vantagens tarifárias, proximidade geográfica, questões logísticas etcetera, o Brasil tem sido um mercado prioritário para esses dois países. Em 2018, 89,2% da quantidade de lácteos importada pelo Brasil foi proveniente desses dois países: Argentina, 59,6% e Uruguai, 29,6%.
- ✓ A União Europeia e a Nova Zelândia (especialmente a primeira) já tiveram participação bem mais significativa que atualmente nas importações brasileiras de lácteos. Em 2003, por exemplo, foram responsáveis por 27,7% da quantidade de lácteos importada pelo Brasil, com 17,7% da União Europeia e 10% da Nova Zelândia. Naquele ano, o Mercosul respondeu por 67,8%; os 4,4% restantes vieram de outras origens.

<sup>2</sup> Desde a abertura do primeiro processo, em 1999, a CNA foi reconhecida como petionária oficial da medida antidumping pelo governo brasileiro.

<sup>3</sup> Embora o resultado seja bastante sintético, a Circular Nº5, publicada no DOU, contempla todo o histórico e detalhes do processo, o que permite entender a complexidade desse tipo de medida.

<sup>4</sup> Fonte: FAO - Food Outlook: Biannual Report on Global Food Markets (November 2018).

- ✓ Entre 2006 e 2017 a produção brasileira cresceu 46,4%, que se deveu, exclusivamente, ao aumento nos indicadores de produtividade (produção por animal, produção por área, produção por produtor, etc.).
- ✓ Esse crescimento é bem superior ao crescimento populacional. Com isso, entre 2006 e 2017 a quantidade de leite disponível por habitante do Brasil saltou de 110 litros para 145 litros/habitante/ano, aumento de quase 32%.
- ✓ No final dos anos de 1990, o leite importado chegou a representar o equivalente a 15% da oferta de leite para o mercado interno. O crescimento da produção nacional reduziu significativamente a dependência de importações. Em 2018, o leite importado representou pouco mais de 4% da oferta para o mercado interno. O Brasil tem boas condições de, num futuro não muito distante, ser praticamente autossuficiente em leite e lácteos.
- ✓ As medidas antidumping contribuíram para redução da concorrência desleal e para que a cadeia produtiva leiteira nacional tivesse o crescimento/desenvolvimento observado nos últimos anos.
- ✓ A competitividade da atividade leiteira da Nova Zelândia, é reconhecida mundialmente. Na União Europeia, contudo, a agricultura, em geral, e o setor lácteo, em particular, contam com apoios diretos e indiretos que distorcem a competitividade das suas cadeias produtivas nos mercados interno e internacional.
- ✓ O encerramento da medida antidumping facilitará às empresas lácteas europeias e neozelandesas (que em alguns casos produzem também chocolates, biscoitos, massas, etc.) a escoarem seus excedentes lácteos para o mercado brasileiro e às grandes redes de atacado/varejo importarem diretamente dessas origens, restringido o mercado da produção nacional. Apesar disso, tem pouco sentido considerar que a UE e a Nova Zelândia têm condições de “inundar” o mercado brasileiro de leite em pó e desestruturar a cadeia produtiva nacional.
- ✓ Não procedem os argumentos de que a cadeia produtiva do leite não sofre concorrência internacional importante. A Argentina e Uruguai não são os maiores, mas são importantes exportadores mundiais de lácteos, participando do mercado brasileiro não apenas com leite em pó, mas também com outros produtos lácteos. Em relação a esses países, é pouco razoável o Brasil colocar barreiras comerciais, pelo acordo que criou o Mercosul e por não subsidiarem a cadeia produtiva.

### **Considerações complementares**

- ✓ Os desdobramentos do anúncio do encerramento da medida antidumping evidenciam que a decisão foi tomada com pouca ou nenhuma participação, surpreendendo grande parte da cadeia produtiva nacional e até mesmo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, inclusive a Ministra.
- ✓ A CNA, petionária oficial da prorrogação, reconhece que pela análise realizada não se comprova a probabilidade de dumping nas exportações da UE e da Nova Zelândia para o Brasil, mas destaca que isso se deve ao fato de o governo ter mudado a metodologia de avaliação.
- ✓ As manifestações de membros do legislativo federal, a comunicação oficiosa do Presidente da República e até anúncios de algumas medidas dão a entender que rapidamente será compensada a retirada da tarifa antidumping.
- ✓ No dia 13/02, um Juiz do Distrito Federal declarou nula a Circular Nº 5, em caráter imediato. A decisão foi sobre um Mandado de Segurança Coletivo e intimava para que a Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais, do Ministério da Economia, se explicasse em até 72 horas. O argumento central parece ser o fato de a medida ter sido editada isoladamente, quando só poderia ser por deliberação da CAMEX.

Mesmo com tudo isso, a reversão da situação pode ser bem mais complexa do que parece. O Brasil tem acordos internacionais que limitam e/ou tornam algumas alternativas sujeitas a desdobramentos importantes, como retaliações nas exportações brasileiras de outros produtos, inclusive da agropecuária. O

que não convém para o Brasil, que tem boa parte das suas exportações baseada no agronegócio. Talvez seja exatamente por essa complexidade, que a CNA, peticionária oficial para a renovação da medida antidumping, tenha deixado claro a sua intenção de discutir com o Ministério da Economia uma revisão da Tarifa Externa Comum (TEC) que incide sobre produtos lácteos de países de fora do Mercosul, negociando um aumento nos 28% que vigoram atualmente. Isso também não é simples, mas talvez exponha menos o Brasil frente aos seus acordos internacionais.

### Preços em recuperação

A última reunião do Conseleite/SC, realizada no dia 24/01, projetou preços estáveis para janeiro<sup>5</sup> (tabela abaixo), mas os dados disponíveis pela Epagri/Cepa até o momento (ainda não há dados de todas as regiões de realização do levantamento) indicam que o preço médio do mês será sensivelmente melhor que o de janeiro. Em algumas regiões, o aumento do preço médio foi de R\$0,11/litro.

#### Leite padrão: Santa Catarina - Preços de referência do Conseleite/SC - 2015-19

Mês	R\$/litro na propriedade, com Funrural incluso			
	2016	2017	2018	2019
Janeiro	0,9546	1,0783	0,9695	1,1307
Fevereiro	1,0154	1,1096	1,0128	
Março	1,0652	1,1412	1,0857	
Abril	1,1166	1,1693	1,1295	
Maiο	1,1430	1,1733	1,1522	
Junho	1,3363	1,1394	1,3454	
Julho	1,5500	1,0617	1,4050	
Agosto	1,3248	1,0189	1,2997	
Setembro	1,1051	0,9374	1,2582	
Outubro	1,0461	0,9550	1,2351	
Novembro	0,9993	0,9977	1,1358	
Dezembro	1,0333	0,9788	1,1228	
<b>Média</b>	<b>1,1408</b>	<b>1,0634</b>	<b>1,1793</b>	

Janeiro/2019: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

<sup>5</sup> O preço projetado para janeiro é referência para o valor que será pago em fevereiro, que remunera o leite entregue em janeiro.